



GRANDE DEMAIS PARA CONTAR

Nossa Jornada às Nações

NOVO: FUNDAMENTOS

*Arte da capa: Vista da Via Láctea do
Parque Nacional Big Bend (Texas, EUA)*

GRANDE DEMAIS PARA CONTAR

Nossa Jornada às Nações
Explorando as influências que moldam a Novo

por Sam Metcalf

© 2015 Samuel F. Metcalf / Novo



novo.org

Índice

<i>Introdução</i>	7
PARTE I: INFLUÊNCIAS PASSADAS	10
<i>The Navigators</i>	12
<i>A Escola Fuller de Missões Mundiais e o Movimento de Crescimento da Igreja</i>	16
<i>O Avivamento de Glen Eyrie em 1985</i>	23
<i>Clinton e Liderança</i>	28
<i>InnerCHANGE e Os Pobres</i>	32
<i>Sistemas e Métodos</i>	38
<i>Formação Espiritual e o Cuidado com a Equipe</i>	43
<i>O Mundo Pós-Moderno</i>	50
PARTE II: INFLUÊNCIAS FUTURAS	54
<i>Chamado Apostólico</i>	56
<i>Holismo Bíblico em Palavra, Obra e Poder</i>	61
<i>CoNext: Parceiros Nacionais na Multiplicação de Movimentos do Evangelho</i>	66
<i>Crescendo como uma Comunidade Global de Aprendizagem</i>	72
<i>O Imperativo do Desenvolvimento da Liderança</i>	77
<i>Financiamento Criativo</i>	86
<i>Normalizando o Sobrenatural</i>	93
<i>A Prioridade da Redenção Humana</i>	101
<i>Movimentos do Evangelho</i>	106
<i>Rebranding: O Que Há em um Nome?</i>	113
<i>O Por quê, o Quê e o Como</i>	118
<i>Conclusão</i>	122

Introdução

A Novo é um grupo de pioneiros apostólicos globais — missionários criativos, determinados, inovadores e receptivos à liderança do Espírito. Somos discípulos — profundamente empenhados em seguir e conhecer Jesus. Somos os que acendem o fogo — multiplicando nosso impacto, equipando, empoderando e colaborando com outros. Nós corremos riscos — enfrentando novos desafios, dispostos a dar nossas vidas pela causa de Cristo. Compartilhamos o melhor que temos para catalisar, aumentar e multiplicar movimentos do Evangelho. E cremos que nada é tão importante quanto alcançar as nações com as Boas Novas de Jesus.

O nosso chamado comum às nações foi iniciado pelo Deus Trino, sustentado por ele e com um futuro providencialmente ordenado por ele. Assim, estamos sobre os ombros de inúmeros outros de semelhantes paixão e função ao longo de toda a história do movimento cristão, desde os dias iniciais da Igreja — quando Paulo e mais de quarenta cooperadores saíram como embaixadores do Reino em todo o mundo romano — até o presente, em que um número incalculável de missionários assim estão surgindo diariamente no que é verdadeiramente um fenômeno global e multicultural.

Ao longo dos últimos dois milênios, encontramos elementos da nossa herança expressos por aqueles que nos precederam: o movimento Celta que evangelizou a Europa; a multiplicidade de ordens que levaram as Boas Novas para todo o mundo e que foram bastiões de fidelidade bíblica quando as civilizações à sua volta estavam desmoronando; Zinzendorf e os Morávios; as entidades apostólicas do movimento missio-

nário moderno gerado por William Carey; e as grandes iniciativas do século 20 que são vertiginosas em número, variedade e compromisso com as Boas Novas de Jesus em todo o seu poder holístico, entre todas as línguas, tribos e nações.

Diante de um pano de fundo assim, somos neófitos e ainda estamos na fase adolescente de nossa vida e ministério juntos. Mas isso não diminui o fato de que a poderosa mão de Deus nos trouxe à existência e nos deu um chamado claro e uma contribuição única para os planos e propósitos de seu Reino. Ele nos moldou e nos formou graciosamente, de maneira amável, mas firme, para preencher o nosso nicho no grande drama do desenrolar do seu Reino na era atual.

Este livreto é uma tentativa de ajudar a captar algumas dessas dinâmicas. É uma janela de uma perspectiva limitada para as influências primárias que moldaram o que foi originalmente chamado de “CRM (Church Resource Ministries)” em nossos anos de formação e que agora evoluiu para o que é a *Novo*.

É, também, um olhar para o futuro, para as influências que creio que continuarão esse processo de refinamento à medida que caminhamos para enfrentar os desafios do século presente. Com esse propósito, ele foi escrito com profunda gratidão a essas centenas de homens e mulheres fiéis e extraordinários que servem com a *Novo* em todos os continentes. Eles são realmente formidáveis.

E tudo o que eles estão fazendo nunca poderia acontecer se não fossem as milhares de pessoas que os apoiam, que ofertam e que oram. Junto, tudo isso produz uma alquimia de paixão apostólica a qual acreditamos fervorosamente que resultará no nome de Deus sendo reconhecido entre as nações, e na eternidade, em uma multidão diante do trono de nosso redentor que é “grande demais para contar”.

Sam Metcalf
Junho 2018

PARTE I: INFLUÊNCIAS PASSADAS

Bem-aventurados os movimentos que encontraram formas de manter permanentemente o contato com as suas raízes.

JOHN LARSSON, CITADO EM STEFFEN, 2002

Lembraí-vos dos vossos guias, os quais vos falaram a palavra de Deus, e, atentando para o êxito da sua carreira, imitai-lhes a fé.

HEBREUS 13:7

Influência Passada nº 1

The Navigators

Iniciado antes da Segunda Guerra Mundial por Dawson Trotman, *The Navigators* foi um movimento que enfatizava o evangelismo pessoal e o discipulado, a reprodução espiritual, a intensa ingestão bíblica e uma vida disciplinada de obediência a Cristo. No final da guerra, pequenos grupos de discipulado “Nav” operavam em mais de mil navios da frota americana. À medida que esses homens inundavam universidades e *campi* universitários ao voltar para casa, a influência dos *Navigators* os seguiu e ministérios prósperos se desenvolveram entre os estudantes. Os Navs também trabalharam em estreita colaboração com a equipe Billy Graham na concepção de acompanhamento para suas primeiras cruzadas.

No início do século 21, cerca de quatro mil colaboradores dos *Navigators* ministravam em uma ampla gama de grupos de pessoas em 100 países ao redor do mundo. E embora a organização tenha certamente mudado ao longo dos anos, seus pontos fortes, foco principal e distintivas permaneceram estáveis: treinamento aprofundado e individualizado de discipulado e reprodução espiritual. Onde quer que os missionários dos *Navigators* sirvam, eles são invariavelmente alguns dos representantes mais respeitados, maduros e culturalmente sintonizados dos propósitos de Cristo e de seu Reino.

Eles geralmente ministram silenciosamente e efetivamente para produzir “gerações espirituais de trabalhadores vivendo Cristo entre os perdidos”.

Conheci os *Navs* no Ensino Médio. Os estudantes da Virginia Tech frequentaram uma das igrejas em que cresci. Um estudante universitário tomou-me debaixo de suas asas e me discipulou muito sistematicamente durante esses anos, e nos quatro anos seguintes na faculdade, o Ministério *Nav* foi o meu lar espiritual. Patty também esteve envolvida com os *Navs* durante os seus anos de faculdade na Universidade de Auburn e estava prestes a se tornar parte do pessoal dos Navigators em seu *campus* quando nos conhecemos.

Depois da formatura, do casamento e de vários anos no mundo do trabalho, Patty e eu fomos convidados pelos *Navigators* a deixarmos nossos empregos, mudarmos para a Califórnia e nos juntarmos à equipe deles. Assim, no verão de 1976, junto com Pete e Suzan McKenzie, carregamos todas as posses mundanas das nossas duas famílias num caminhão e reboque Uhaul compartilhado e nos mudamos para o oeste; servimos com os Navigators até 1980, quando a CRM (Church Resource Ministries) começou.

Bem lá no comecinho da CRM, estavam Chuck e Pat Singletary, Pete e Suzan McKenzie (ambos casais da equipe dos Navigators) e John e Ginger Rowell. Vários outros casais de funcionários dos Navigators aderiram à CRM e fizeram parte da nossa primeira equipe de colaboradores. Essa foi uma das primeiras vezes que os *Navs* experimentaram um grupo de indivíduos saindo e começando algo novo. Nossa herança espiritual e experiência ministerial com os *Navs* foram difundidas em nossos primeiros anos com a CRM.

As ênfases que os Navigators contribuíram para o DNA organizacional da CRM foram significativas. Os Navs influenciaram:

- ...nossa crença de que o discipulado e o treinamento de liderança são componentes essenciais para a saúde e para o futuro do movimento cristão. Embora a nomenclatura ao longo dos anos evolua e o ambiente seja fundamental na forma como elas são contextualizadas, as funções permanecem universais e atemporais.

- ... nossa forte convicção é de que os relacionamentos são o lugar onde as pessoas crescem melhor — “mais é captado do que é ensinado”.
- A ênfase relacional da CRM deve-se principalmente à nossa herança dos Navigators.
- ...nossa orientação teológica básica e nosso enraizamento na ortodoxia Bíblica histórica.
- ...nossa integridade estrutural subjacente como uma sociedade apostólica. Embora possamos não ter entendido a legitimidade desse chamado missionário naqueles primeiros dias, nem compreendido nosso lugar na vasta trama da história da igreja, abraçamos de todo o coração sermos uma entidade assim, porque experimentamos a eficácia em nossas próprias vidas e vimos os resultados na vida de outras pessoas. Havia motivação, disciplina, orientação para tarefas e um senso de chamado com os Navigators que foram transferidos para a CRM.

Estamos profundamente em dívida com os Navigators. Embora ninguém (com a CRM, e, agora, com a Novo) tenha alcançado nem de perto o carisma de liderança de um Dawson Trotman, estamos sobre seus ombros e somos, em muitos aspectos, descendentes organizacionais da importante organização missionária que ele começou. Por esse legado, somos imensamente gratos.

Em todo o país — Judeia, Samaria, Galileia — a igreja cresceu. Eles foram inundados por um profundo senso de reverência a Deus. O Espírito Santo estava com eles, fortalecendo-os. Eles prosperaram maravilhosamente.

ATOS 9:31

Influência Passada nº 2

A Escola Fuller de Missões Mundiais e o Movimento de Crescimento da Igreja

Donald McGavran nasceu de pais missionários na Índia e então passou trinta e três anos de sua vida adulta trabalhando como missionário nesse país. Seu trabalho se concentrou em plantar igrejas, bem como em ministérios entre leprosos, hospitais e outros projetos humanitários. Todas essas experiências deixaram impressões profundas e o levaram a questionar a falta de mudança substancial e transformadora dos métodos e do ministério que ele observou.

Como resultado de sua pesquisa e escrita, McGavran é amplamente reconhecido como o “Pai do Crescimento da Igreja”. Em 1965, ele foi convidado a formar e começar a Escola de Missões Mundiais (SWM) no Seminário Teológico *Fuller* em Pasadena, Califórnia.

McGavran eventualmente recrutou uma equipe de professores para o Fuller que ajudaram a moldar e formar o campo da missiologia provavelmente mais do que qualquer outro think tank ou escola de pós-graduação em qualquer lugar do mundo na segunda metade do século XX. Foi uma compilação incomum de importantes estudiosos e profissionais da área, como Alan Tippet, Charles Kraft e Paul Hiebert (antropologia), Arthur Glasser e Charles Van Engen (teologia da missão), Ralph Winter e Paul Pierson (história do movimento cristão), C. Peter Wagner e Eddie Gibbs (teoria e prática do crescimento da igreja) e J. Robert Clinton (liderança).

McGavran foi incrivelmente prolífico, mas sua pesquisa e trabalho foram melhor capturados em vários trabalhos seminiais: *The Bridges of God* (As Pontes de Deus) de 1955 e *Understanding Church Growth* (Entendendo o Crescimento Da Igreja) de 1970.

Houve várias características importantes no trabalho de McGavran:

- Ele defendia um retorno às missões clássicas com ênfase no evangelismo e na multiplicação de igrejas. Ele acreditava que o propósito principal e insubstituível da missão é o discipulado das nações e o crescimento da igreja porque “Deus quer que suas ovelhas perdidas sejam encontradas e incorporadas como membros responsáveis de seu corpo. Serviço é uma coisa boa, mas ele não pode substituir o encontro com os perdidos e a organização deles em comunidades de fé”. Naquela época, essa ênfase foi uma correção muito necessária para a impotência predominante na linha principal do protestantismo, que praticamente castrou os imperativos bíblicos da Grande Comissão como essenciais para a *Missio Dei*.
- McGavran também defendia uma visão elevada e a compreensão da cultura e da etnia. Assim, ele ressaltou o uso das ciências comportamentais — Antropologia e Sociologia principalmente — para compreender o porquê de indivíduos e grupos de pessoas responderem à mensagem cristã e o que impediria ou facilitaria o crescimento da Igreja. Sua análise sempre foi baseada em pesquisa rigorosa e pragmática.
- Para uma nova geração, ele articulou conceitos missiológicos seminiais como “movimentos de pessoas”, o “princípio da unidade homogênea”, “redenção e elevação”, “estrutura social e crescimento da Igreja”, “das massas às classes”, “receptividade/resistência” e “encontros de poder”, para citar alguns. Ele deixou claras as distinções entre diferentes tipos de crescimento: quantitativo, qualitativo e orgânico.

O movimento que foi gerado teve o seu impacto mais duradouro a nível internacional. Durante os seus primeiros dez anos, a Escola de Missões Mundiais (SWM) admitiu apenas estudantes com um mínimo de cinco anos de experiência transcultural e com fluência numa segunda língua. O treinamento foi projetado para aqueles que já estavam imersos em ambientes transculturais e que “sabiam as perguntas certas a serem feitas”. A investigação gerada através dos seus trabalhos de mestrado e doutorado foi prolífica.

Os graduados dessa escola acabaram por assumir papéis de liderança em entidades missionárias e em posições de responsabilidade em inúmeros movimentos nacionais da igreja em todo o mundo. A SWM estabeleceu o ritmo e tornou-se um modelo de compreensão e formação missiológica que influenciou praticamente todas as escolas de missão na América do Norte e na maioria dos contextos internacionais.

Muitos observadores do movimento cristão mundial classificariam o Movimento de Crescimento da Igreja como uma das três principais influências do cristianismo mundial no século 20, junto com a Cruzada de Evangelização (Billy Graham) e o movimento Pentecostal.

Como em qualquer coisa tão dinâmica assim, as críticas têm sido abundantes. Grande parte delas tem se concentrado injustamente nas perversões norte-americanas do Crescimento da Igreja, onde tudo e qualquer coisa é rotulada de “Crescimento da Igreja”, particularmente qualquer coisa que enfatize técnicas, truques, jogos de números, megalgrejas e assim por diante. Nada poderia estar mais distante da verdade. Na minha experiência, grande parte das críticas foi dirigida aos “espantalhos” e vem daqueles que não estudaram Missiologia e estão atacando uma caricatura sem entender o campo de estudo.

Então, como isso influenciou a CRM?

- Juntamente com Chuck Singletary, o primeiro presidente da CRM, entrei na SWM em 1976 e tive o privilégio de exposição e

estudo durante os dias em que Donald McGavran ainda estava vivo. Quando o conheci, nunca tive oportunidade de estudar diretamente com ele. Lamentavelmente, não compreendi nem apreciei naquela época o incrível ambiente criativo de que tive o privilégio de fazer parte enquanto estudante.

- Enquanto os *The Navigators* influenciaram profundamente a compreensão da CRM sobre discipulado pessoal e desenvolvimento espiritual, a ênfase missiológica da SWM moldou nossa compreensão dos processos de grupo. O primeiro nos deu um legado de individualismo pietista; o segundo começou a nos dar ferramentas para entender as complexidades de como o corpo de Cristo evolui organicamente com muitos membros.
- A SWM, e particularmente os estudos da história do movimento cristão, me afetaram profundamente, e indiretamente a CRM, no que se refere à nossa eclesiologia. Isso, de duas formas:
 1. Ajudou a legitimar a nossa existência como sodalidade apostólica que tem grande precedência histórica, bíblica e teológica. A CRM não é nova e não somos únicos.
 2. Tudo o que fazemos com líderes nos deu um enfoque de que eles devem, de alguma forma, ser líderes para a Igreja com “I” maiúsculo. O trabalho da CRM com os líderes não é feito em um vácuo. Conceitos como “conexão”, “comunidade” e o “corpo mais amplo de Cristo” são integrais para o nosso chamado.
- A SWM aumentou nossa compreensão da amplitude do corpo de Cristo teológica, cultural e geograficamente. Essa exposição estendeu nossa compreensão do Reino e da missão de Jesus, além de nossas próprias origens sectárias e posições teológicas estreitas.
- A missiologia tem um forte componente teológico — uma teologia da missão. Mas essa teologia é vista através de olhos mis-

sionários e não através da grade da investigação teológica clássica, que é, infelizmente, muitas vezes desprovida de tal perspectiva. Como uma sodalidade apostólica, a CRM tem esses olhos e geralmente vemos o mundo dessa maneira.

- Como resultado, abraçamos as dimensões transculturais do Evangelho e o imperativo na Missio Dei para que os discípulos sejam feitos de “*ta ethne*” (de todas as nações) do mundo inteiro. Nós buscamos de todo o coração o que chamamos de Prioridade da Redenção Humana (veja *Pessoas Primeiro*, o livreto da série *Fundamentos* com esse enfoque).

Muitos líderes da CRM estudaram ao longo dos anos na SWM (renomeada como “Escola de Estudos Interculturais”), principalmente aqueles que vivem e ministram internacionalmente. Continuamos a recorrer fortemente aos recursos e à visão missiológica dessa escola.

Os destaques incluem a nossa própria Jude Tiersma Watson (InnerCHANGE, Los Angeles), que serve como membro do corpo docente da SWM. Mike Crow aplicou na China o que obteve na SWM durante os seis anos de seu PhD.

Steve Hoke serviu como professor adjunto. Keith Webb usou as ideias obtidas com a SWM quando trabalhou com líderes de grupos de pessoas não alcançadas na Indonésia e hoje no treinamento de coaching que desenvolveu. Kirk Kirlin é um graduado. Chet Seapy aplicou constantemente bons conhecimentos interculturais obtidos na SWM em sua liderança da CRM no mundo hispânico e, depois, internacionalmente. Tom Middleton obteve um doutorado e usa o que aprendeu na orientação de líderes mais jovens e no desenvolvimento organizacional. Sherwood Lingenfelter (casado com Judy, ex-membro do Conselho da CRM) foi reitor da SWM e posteriormente reitor de todo o seminário. Ele e Judy, ambos antropólogos, fizeram contribuições significativas para a CRM.

Vários outros funcionários da CRM estão atualmente matriculados em educação continuada ou concluíram suas graduações. O mais popular é o *Mestrado em Liderança Global* (MAGL). Atualmente, sirvo como professor adjunto de Prática Missionária nesse programa, o que me permite supervisionar parte do trabalho que a equipe da Novo desenvolve no programa. Eles têm uma enorme flexibilidade na concepção de cursos que servirão ao seu ministério e aos seus contextos únicos, e tudo pode ser feito *online*, sem ser extraído.

Fiquei intrigado nos últimos dois anos ao ver uma nova geração, mais notavelmente no meio da igreja emergente ou “missional”, “descobrir” olhos missiológicos, através dos quais pode ver o cenário secular e pós-moderno no Ocidente.

Curiosamente, eles pensam, de alguma forma, que Roland Allen, David Bosch, Lesslie Newbiggin e o bispo Stephen Neil são todos nomes novos, quando, na verdade, eles eram básicos no mundo das missões e no estudo da missiologia por muitos anos.

Na verdade, aqueles que pretendem viver missionalmente são, em muitos aspectos, descendentes teológicos e filosóficos de Donald McGavran e do corpo significativo de conhecimento missiológico que ele catalisou. Os entendimentos que estão, finalmente, sendo aplicados ao contexto americano podem ter alguma nomenclatura nova e cativante, mas a substância não é particularmente nova. A geração atual junta-se a multidões de líderes em todo o mundo que estão profundamente em dívida com as percepções missiológicas de McGavran, de seus contemporâneos e daqueles que seguiram seus passos ao postular talvez a missiologia mais determinante e influente dos nossos dias. Estamos muito gratos por estarmos sobre esses ombros.

O avivamento não pode ser organizado, mas podemos levantar nossas velas para pegar o vento do céu quando Deus escolhe soprar sobre seu povo mais uma vez.

G. CAMPBELL MORGAN

Todos estavam cheios de admiração, e muitas maravilhas e sinais milagrosos foram feitos.

ATOS 2:43

O Avivamento de Glen Eyrie em 1985

Em fevereiro de 1985, cerca de quarenta funcionários da CRM e potenciais funcionários reuniram-se em Glen Eyrie, a sede dos Navigators em Colorado Springs, para a nossa conferência anual de pessoal. Mais tarde, na mesma semana, o conselho da CRM tinha programado se juntar a nós para a sua reunião semestral do conselho.

Vários meses antes, Chuck Singletary (então presidente da CRM) e eu participamos de uma conferência de plantação de igrejas no Seminário Fuller e ouvimos um pastor Nazareno do Noroeste entregar uma série de mensagens sobre “A Vida de Oração de Jesus”. Pedimos-lhe que viesse e fosse o palestrante convidado do evento Glen Eyrie. Mal sabíamos o que aconteceria como resultado e o que Deus faria.

O que aconteceu nos dias seguintes foi um fenômeno impressionante com o qual não estávamos familiarizados. Nenhum de nós jamais tinha visto algo assim em nossa experiência espiritual anterior. Kent Anderson, o palestrante convidado, gentilmente e de uma forma discreta, desembrulhou uma variedade de temas: como Jesus “ouviu do Pai”, “como visualizar em oração” e a “realidade do sobrenatural na cura emocional e física”.

A agenda planejada foi jogada pela janela quando começamos a experimentar a presença manifesta de Deus de maneiras que estavam fora da nossa caixa: visões, curas e ouvir do Senhor de forma poderosa e pessoal, tudo começou a acontecer. As pessoas ficaram acordadas até altas horas da manhã. Havia um sentimento de admiração e assombro, porque os paradigmas com os quais muitos de nós crescemos foram destruídos e os limites de outros paradigmas sobre como en-

contramos Deus foram grandemente expandidos. Em alguns aspectos, essas foram as marcas de experiências carismáticas, mas sem outras manifestações, que, naquela época, seriam consideradas controversas, como o falar em línguas.

Não sabia o que fazer com aquilo. Patty não estava lá¹ e quando eu ligava para casa e tentava explicar o que estava acontecendo, tudo o que eu conseguia fazer ao telefone era chorar. Deus se encontrou conosco de uma maneira poderosa e sem precedentes. E aconteceu com *todo mundo*, não apenas com alguns.

No final da semana, o conselho da CRM compareceu à reunião semestral. Quando a reunião começou, eles não sabiam o que fazer com os relatórios que ouviram sobre a semana anterior. No entanto, Bobby Clinton foi o homem do momento. Em seu inevitável jeito professoral, ele descreveu o que tinha acontecido e deu ao conselho, de forma muito objetiva, as categorias com as quais compreender o fenômeno.

Em retrospectiva, o que experimentamos foi um derramar inco- mum, não planejado, do Espírito de Deus.

Então, como isso influenciou a CRM?

- Isso nos abriu todo um novo entendimento e experiência do sobrenatural. Embora não fôssemos então, nem somos agora, uma organização “carismática” clássica, a CRM tem o que a maioria dos estudiosos chama de características de “terceira onda”. A primeira onda foi o pentecostalismo clássico, a segunda onda foi o movimento carismático, e a terceira onda é o movimento do Espírito dentro dos parâmetros teológicos ortodoxos/evangélicos, mas com realidades sobrenaturais às vezes associadas às duas primeiras ondas.

¹ Naquela época, a CRM era composta por muitas famílias jovens, e as esposas estavam principalmente em casa cuidando de crianças e não compareciam a essas conferências — uma prática que mudou após o avivamento de Glen Eyrie.

- De alguma forma, sobrenaturalmente e nos lugares celestiais, a graciosa unção de Deus caiu sobre a CRM. Apesar de nossa indignidade, nossas falhas e limitações humanas e pecaminosas muito óbvias, havia uma sensação palpável de bênção que desceu sobre a CRM durante aqueles dias e uma sensação de poder e da presença de Deus que nunca se dissipou.
- Esse evento nos impulsionou em várias novas direções ministeriais. Em primeiro lugar, motivou-nos a levar a sério o coração de Deus para as nações e a nossa responsabilidade de enviar pessoal transculturalmente, o que fizemos depois dentro de um ano. Em segundo lugar, conduziu-nos a levar a sério as novas igrejas e os plantadores de igrejas e a ser um catalisador na formação e desenvolvimento de ambos.
- A oração e a intercessão tornaram-se um foco e muitos foram motivados a caminhar em direções novas e criativas sobre como envolver Deus em um nível muito mais profundo.
- Também acredito que o evento foi uma configuração divina para a transição de liderança inesperada e não planejada que ocorreu na reunião do conselho após a conferência. Depois de servir como presidente da CRM durante os nossos cinco anos iniciais, Chuck Singletary fez a transição para presidente do conselho e voltou a desempenhar um papel de equipe com os Navigators, e fui convidado pelo conselho a assumir o papel de Presidente da CRM. Foi uma transição de liderança piedosa e exemplar devido em grande parte ao caráter de Chuck Singletary e ao derramamento incomum da presença divina de Deus na semana anterior.

Deve ser enfatizado que o que Deus fez nessa reunião de Glen Eyrice não foi fabricado. Não foi planejado. Não havia impressões digitais humanas. Por mais que possamos ansiar por tais manifestações da presença de Deus e manifestações sobrenaturais no presente ou no futuro,

é impossível fenômenos assim serem manipulados, programados ou produzidos. Um tempo como esse é uma obra soberana e providencial de Deus, onde o Espírito sopra como ele quer e deseja.

Será que Deus fará isso de novo por nós? Um novo derramamento é uma necessidade à medida que avançamos de cultura em cultura e de geração em geração? Quanto tempo durarão os efeitos residuais? Existem maneiras, por comissão ou omissão, de extinguir essa unção?

Não sei as respostas para essas perguntas. Mas eu sei a realidade do que aconteceu, e desde aquele dia até o presente, todos aqueles que servem com a CRM de alguma forma se juntaram a nós para serem destinatários dessa bênção.

Que Deus nos dê uma graça sem medida para viver e ministrar humilde e obedientemente à luz de tão grande privilégio.

A diferença entre líderes e seguidores é a perspectiva. A diferença entre líderes e líderes melhores é uma perspectiva melhor. Líderes eficazes veem o ministério atual em termos de uma perspectiva de vida inteira.

Dai-nos uma perspectiva horizonte-a-horizonte, Ó Ancião de Dias, pois tendes todo o panorama completo.

J. ROBERT CLINTON

Influência Passada n° 4

Clinton e Liderança

Conheci Bobby e Marilyn Clinton em 1979.

Eu estava fazendo o primeiro curso que o Seminário Fuller ofereceu sobre Plantação de Igrejas, ministrado por Peter Wagner, e Bobby era o professor assistente. Tendo estado no campo missionário por muitos anos, ele estava agora no Fuller e começando sua carreira de professor. Mais tarde, nos conectamos em um curso sobre Unidades Homogêneas e Crescimento da Igreja, onde ele também ajudou na instrução.

Quando Bobby foi adicionado ao corpo docente no início dos anos 80 como professor especializado no campo da liderança, tive o privilégio de fazer parte de um pequeno grupo piloto que ele reuniu para começar a testar alguns de seus conceitos e recursos de “emergência de liderança”. No verão seguinte, inscrevi-me no seu curso de Implementação de Mudança, cujo conteúdo ainda utilizo e refiro-me hoje. Esses foram os primeiros de muitos cursos — formais e informais — em que trabalhei para obter o máximo de Clinton que pude. Senti que tinha achado uma mina de ouro!

A melhor introdução a Clinton por muitos anos foi *The Making of a Leader* (A Formação de um Líder), da Navpress. Enquanto a maioria de nós teve que aprender um vocabulário totalmente novo para percorrer o livro (é um livro técnico sobre liderança — não uma leitura calorosa, difusa e inspiradora), Bobby achava que ele, na verdade, era muito água com açúcar e foi popularizado ao extremo. Essa perspectiva fala claramente da profundidade e do volume da sua obra: a capacidade de Bobby para produzir material é reconhecida, ele é incrivelmente próli-

fico no que escreve e cria. Sua reputação de ser um “guru” de liderança no contexto religioso contemporâneo é bem merecida quando se entra em seu material e experimenta a sagacidade de suas percepções.

Em 1985, Bobby assumiu um lugar no conselho de administração da CRM e, nos quinze anos seguintes, como membro do conselho e com várias passagens como presidente, ele fez uma contribuição inestimável para esse corpo. Em cada reunião, Bobby liderava o 'treinamento do conselho', que ajudou a moldar e a formar o funcionamento do conselho. Seu dom de sabedoria foi aproveitado inúmeras vezes.

Utilizamos o Bobby em várias situações para o treinamento de pessoal da CRM. Muitos funcionários e líderes da CRM fizeram seus cursos e estudaram com ele. Seu trabalho formou a base teórica para muitos dos recursos, materiais e processos que nossa equipe usa em todo o mundo. Não creio que seja um exagero afirmar que a CRM seja, provavelmente, uma das principais “divulgadoras” de Clinton. Mesmo assim, continuo a acreditar que apenas arranhamos a superfície em utilizar e aplicar o vasto corpo do seu trabalho.

Existem vários fatores para a genialidade desse corpo de compreensão da liderança. Em primeiro lugar, ele surge num contexto transcultural. O que Clinton faz não se limita a uma perspectiva ocidental: tem uma ampla aplicação transcultural. Em segundo lugar, não está limitado ao tempo nem às gerações. Qualquer um que riscá-lo ou ignorá-lo, por considerar Bobby “moderno” demais, considerando que seu próprio entendimento transcendeu para uma visão de mundo pós-moderna, é tragicamente míope. Quem está perdendo são eles, visto que Clinton tem uma grande contribuição a dar para o desenvolvimento da compreensão missional da Igreja e as necessidades de liderança das gerações emergentes. Em terceiro lugar, a liderança, tal como foi estudada por Clinton, não é ultrapassada. Embora algumas das aplicações de Clinton possam certamente inclinar-se para o popular, não há nada de modismo sobre esses estudos.

Então, como Bobby Clinton foi uma grande influência na CRM?

- Ele influenciou nosso pensamento e compreensão em relação à liderança mais do que qualquer outro indivíduo. Ao longo dos anos, inspiramo-nos profundamente no seu trabalho, aplicando-o pessoalmente, bem como no nosso chamado para capacitar os líderes para os movimentos do Evangelho em todo o mundo.
- Conheço poucas pessoas que são bíblicistas tão intensos como Bobby Clinton. Ser um “líder centrado na Bíblia” é um tema importante de sua vida e ensino. Essa influência afetou a CRM, não na medida em que eu gostaria, mas, ainda assim, profundamente.
- A contribuição de Bobby para o conselho da CRM foi significativa. Ele moldou e formou o entendimento do conselho sobre governança e ajudou a implementar o DNA Básico desse corpo essencial para a CRM e, agora, para a Novo.
- Exortou-nos, encorajou-nos e, às vezes, persuadiu-nos a pensar em termos de desenvolvimento.
- Ele sempre esteve disponível como mentor pessoal para mim e para muitos outros colaboradores. Raramente alguém se encontra com Bobby sem ter como resultado uma tarefa, algo para ler ou alguma coisa para fazer.

E através de tudo isso, Bobby e Marilyn — até sua morte, em 2016 — permaneceram queridos amigos, um daqueles relacionamentos ao longo da vida pelos quais Patty e eu somos imensamente gratos. A contribuição de Bobby Clinton para nossas vidas pessoais, nosso ministério e o papel da CRM nos propósitos do Reino de Deus em todo o mundo têm sido imensuráveis. É uma honra para muitos de nós sermos considerados amigos pessoais de Bobby e Marilyn; também é uma honra para a Novo ser uma pequena parte do seu legado.

Os americanos ainda têm uma capacidade extraordinária de ignorar a pobreza.

JOHN KENNETH GALBRAITH, 1983

...e se vos dedicardes a favor dos famintos e satisfizerdes as necessidades dos oprimidos, então a vossa luz se elevará na escuridão e a vossa noite tornar-se-á como o meio-dia.

ISAÍAS 58:10

InnerCHANGE e Os Pobres

Conheci John Hayes no final de 1984, pouco depois de ele ter chegado a Orange County, após vários anos de ministério no centro da cidade de Los Angeles. Ele tinha acabado de iniciar a InnerCHANGE e se mudado para uma área de Santa Ana repleta de imigrantes cambodjanos e hispânicos.

John estava em um grupo semanal de discipulado que eu liderava para homens solteiros, e conseguimos nos conhecer bem. Fiquei impressionado com a sua visão e com a natureza do seu chamado de viver e de ministrar entre os pobres; ele também era fascinado pela CRM enquanto estávamos em nossos anos de formação como entidade missionária. Conversamos e dialogamos durante esses meses e Deus uniu nossos corações em um daqueles relacionamentos íntimos e duradouros que são profundos e que duram a vida toda.

Em julho de 1985, decidimos incluir a InnerCHANGE na CRM, tendo John como diretor. Acredito que as razões são tão válidas hoje como eram em meados dos anos 80:

- Os valores que partilhávamos eram fundamentalmente os mesmos e era um bom ajuste filosófico e relacional. A visão da InnerCHANGE para o ministério entre os pobres estava estreitamente alinhada com a CRM como um todo, embora com uma perspectiva mais holística devido ao foco particular do ministério.
- Com 60% do mundo sendo pobre, e 30% em extrema pobreza, era ridículo para a CRM acreditar que poderíamos influenciar as nações, a menos que levássemos a sério os pobres e os marginalizados. O nosso compromisso de obedecer à Grande Co-

missão e de criar, crescer e multiplicar movimentos do Evangelho entre as nações não poderia ignorar os pobres. A CRM precisava da InnerCHANGE.

- Em muitos casos, entidades missionárias ou movimentos que se dedicam aos pobres lutam com a sustentabilidade. A própria natureza do seu ministério significa que as estruturas administrativas, financeiras e de prestação de contas vão ter que lidar com a falta. Com a InnerCHANGE como parte da CRM, tivemos a oportunidade de fornecer uma base e uma cobertura que poderiam ajudar muito a resolver esse problema e aliviar essas pressões.
- A CRM tinha — e desenvolveria — muitas habilidades e ferramentas nas áreas de discipulado, formação espiritual, desenvolvimento de liderança e plantação de igrejas — todos os componentes necessários dos movimentos do Evangelho — que poderiam aumentar a eficácia da InnerCHANGE à medida que tais coisas fossem contextualizadas. O resto da CRM poderia contribuir para a InnerCHANGE e oferecer valor adicional.

Embora John fosse o diretor da InnerCHANGE, percebi que, para que isso funcionasse na CRM, eu, pessoalmente, tinha que compreender melhor algumas dessas questões. Consequentemente, usei a minha tese de doutorado para lidar com uma teologia dos pobres nas Escrituras, uma teologia do ministério no contexto urbano, e como uma “ordem” como a InnerCHANGE deveria ficar quando aninhada numa sociedade apostólica mais ampla, como a CRM. Embora eu fique um pouco envergonhado quando olho para algumas dessas primeiras maquinações (1986-89) à luz do nível de sofisticação e articulação que muitos dentro da InnerCHANGE alcançaram hoje, essas deliberações (feitas com a ajuda de John) me deram um modelo que ajudou a informar meu próprio pensamento e ações nos anos seguintes.

Então, como a InnerCHANGE foi uma grande influência na anatomia da CRM como uma sodalidade apostólica?

- A InnerCHANGE influenciou a CRM na direção do holismo bíblico, isto é, um entendimento de que, nas Escrituras, o mandato evangelístico não pode ser divorciado do mandato cultural. A Missio Dei significa estender o senhorio de Jesus sobre todos os aspectos da vida.
- Os líderes e as igrejas locais não podem ser saudáveis sem uma perspectiva bíblica e uma resposta às claras admoestações de Deus em relação aos pobres. Não importa o que qualquer um de nós faça em qualquer contexto para criar, crescer e multiplicar movimentos do Evangelho — que é o propósito de toda a CRM: um coração para os pobres é uma injunção bíblica e um elemento essencial do discipulado autêntico. Fazer discípulos entre os pobres e movimentos do Evangelho entre os marginalizados deve ser parte integrante de tudo o que nós fazemos — “... continue a lembrar-se dos pobres” (Gálatas 2:10).
- A InnerCHANGE evoluiu gradual e cuidadosamente como uma “ordem”. Como tal, aqueles que servem com a InnerCHANGE influenciaram o resto da CRM em relação a comunidade, espiritualidade e os ritmos de tocar a vida e o ministério juntos.
- A InnerCHANGE encorajou o resto da CRM para o profético. Ao longo dos anos, tenho me sentido imensamente orgulhoso daqueles que servem com a InnerCHANGE quando eles interagem com aqueles na igreja em geral em toda América do Norte. Influenciados, creio eu, principalmente pelo exemplo de John, eles demonstraram uma capacidade única de atrair amorosamente as pessoas para o ministério entre os pobres, em vez de conduzi-las a uma resposta assim, envergonhando-as e culpando-as. O cinismo e até mesmo a raiva que podem emergir daqueles constantemente confrontados com a pobreza e a injustiça têm sido, em grande parte, ausente da InnerCHANGE.
- Aqueles que servem com a InnerCHANGE estão comprometidos com um estilo de vida encarnado. Embora o pessoal da

InnerCHANGE possa ter um chamado particular para o ministério entre os pobres e geralmente tenha os dons que permitem que isso seja realizado, o sacrifício, a compaixão e a simplicidade que eles modelam são um exemplo para todos nós.

A InnerCHANGE nasceu no coração e na vida de John Hayes. Como principal líder inspirador da InnerCHANGE por mais de três décadas, a ordem reflete sua paixão, valores e perspectiva ministerial (e de sua esposa, Deanna). Hoje, a InnerCHANGE cresceu e inclui dezenas de funcionários, estagiários e aprendizes servindo em equipes na América do Norte, América do Sul, Ásia, África e Europa.

Houve tensões ao longo do caminho à medida que a InnerCHANGE evoluiu com o resto da CRM? Com certeza. Como acontece com qualquer sociedade apostólica de natureza transcultural, geograficamente espalhada e com diversidade significativa no status socioeconômico, há tensões. Algumas delas incluem:

- Sempre houve uma luta para que a InnerCHANGE mantivesse uma diferenciação e um sentido saudável de identidade como uma ordem — o que é essencial para a eficácia no seu contexto — e ser totalmente parte da CRM como algo maior. Por vezes, usamos a analogia de que a InnerCHANGE é semelhante aos franciscanos ou às Irmãs de Caridade, ou a qualquer outra ordem situada dentro do corpo maior da Igreja Católica. Embora busquem o foco e a vocação dados por Deus, tais ordens nunca foram menos do que católicas, e assim também é com a InnerCHANGE. Enquanto protegemos consistentemente as distinções dadas por Deus pela InnerCHANGE, nunca consideramos a InnerCHANGE menos parte da CRM devido a essas distinções.
- Embora as contribuições da InnerCHANGE para a CRM tenham sido substanciais, devo ser honesto e admitir que a InnerCHANGE não afetou todo o resto da CRM tanto quanto desejávamos. É muito fácil, como afirma John Kenneth Galbraith,

ignorar a pobreza e a injustiça. Quando não vivo entre aqueles com grandes necessidades, sou tão culpado por ignorá-las quanto qualquer outra pessoa. Ainda temos muito a aprender com os nossos irmãos e irmãs na InnerCHANGE e a ser enriquecidos pelos valores do Reino que procuram viver em palavra, obra e poder entre os mais necessitados.

- Além disso, não creio que o resto da CRM tenha feito um trabalho adequado de ser um veículo através do qual a InnerCHANGE e as necessidades dos pobres possam ser injetadas na vida dos crentes e das igrejas de classe média e média alta. A visão do profeta do Antigo Testamento, Amós, de “...deixar a justiça rolar como um rio, a justiça como um riacho que nunca falha!” (5: 24) não é de natureza escatológica, mas é para o aqui e o agora quando se trata dos mais pobres do mundo.
- E, embora eu seja muito grato pelo crescimento e expansão da InnerCHANGE enquanto ordem, sinto que, por vezes, estamos cuspidos no oceano. Creio, tal como a sua liderança, que há muito mais que a InnerCHANGE poderia ser como um canal do Espírito num mundo de necessidades tão assombrosas, avassaladoras e incompreensíveis. Anseio ver mais pobres tocados através dessa presença encarnada. Anseio ver entre os pobres os movimentos de novas igrejas autênticas e que são holísticas em sua natureza, resultando na transformação sagrada de cada parte da ordem criada em torno deles. Essa é uma expressão do Evangelho do Reino.

Foi uma viagem notável e maravilhosa percorrer este caminho com a InnerCHANGE ao longo dos anos. É a minha oração e a minha fervorosa esperança de que Deus construa sobre esses alicerces, para que cada vez mais os que sofrem nos laços da pobreza e da injustiça “...reconstruam as antigas ruínas e levantem as antigas fundações ...[e sejam] chamados Reparadores de Muros Caídos, Restauradores de Ruas para habitar” (Isaías 58:12)

...três princípios fundamentais para o desenvolvimento organizacional orgânico... são sempre criar sistemas orgânicos, implicitamente reprodutíveis e autossustentáveis em tudo o que fizermos.

HIRSCH & FROST, THE SHAPING OF THINGS TO COME (A FORMAÇÃO DAS COISAS POR VIR)

Sistemas e Métodos

Bob Logan ingressou na CRM em 1988. Ele veio até nós após dez anos de ministério frutífero como pastor de uma igreja local, mas com um coração e visão para desenvolver plantadores de igrejas e estimular a multiplicação de novas igrejas. Limitado ao quanto ele poderia fazer a partir da base de uma igreja local e armado com um dom apostólico, a CRM foi um bom lugar para Bob em sua temporada seguinte de vida e ministério.

Ao longo da década seguinte, ele deu uma contribuição significativa ao CRM para nos ajudar a desenvolver o “pensamento sistêmico”, ou seja, como codificar e organizar aspectos do que fazemos para que ele possa ser mais facilmente acessível por um número maior de pessoas. Sua ênfase era nos métodos.

Alguns criticariam essa perspectiva como muito mecanicista, tecnológica e até “moderna” — todas críticas que têm alguma validade. No entanto, gostaria de responder a essas críticas de várias maneiras: primeiro, sabemos que toda cultura — seja animista, pré-moderna ou moderna — sistematiza. Como essa sistematização é feita pode ser contextualizada, mas, ainda assim, ela acontece. É um fato sociológico.

Em segundo lugar, ainda vivemos no mundo moderno. Os contextos ministeriais em que muitos dos nossos colaboradores e missionários trabalham estão entre aqueles que abraçam essa visão de mundo. Para essa geração, e talvez para as próximas duas gerações, estaremos vivendo um grande “tempo intermediário” que não é nem totalmente moderno, nem totalmente pós-moderno. Essa abordagem de sistemas tem aplicabilidade ao que “é”.

Em terceiro lugar, à medida que a CRM, e, agora, a Novo, continuam a adaptar-se e a adotar as realidades do mundo pós-moderno, o pensamento sistêmico irá se transformar correspondentemente. Embora alguns argumentem que qualquer tipo de abordagem sistêmica é inerentemente antitética à psique pós-moderna, acho que isso é mais reacionário do que realidade. Os pós-modernos sistematizam. A questão que é importante é como isso é feito e quais outros valores estão na mistura.

Por último, a tecnologia não é necessariamente não relacional ou impessoal. Claro que pode ser, mas também pode melhorar as relações. A alta tecnologia pode contribuir para o *high touch*, dependendo de como é utilizada. As redes sociais são um exemplo dessa realidade.

Então, qual é a contribuição dos sistemas que Bob, e os outros que se basearam em seu trabalho, deram à CRM?

- Bob nos forçou a pensar em como entregamos nosso ministério. Redes e ambientes de aprendizagem foram sua ideia. Outros, como Terry Walling, adotaram esses conceitos e, com grande habilidade e criatividade, adicionaram novos conteúdos (como os materiais de liderança de Clinton) e refinaram e expandiram o uso.
- Por meio do trabalho e do incentivo de Bob, voltamos intencionalmente nossa atenção para o treinamento de plantadores de igrejas e envolvemos outros líderes e igrejas sobre como multiplicar novas congregações. Ao longo da década de 90, essa foi uma grande ênfase na CRM. Outros funcionários muito competentes, como Steve Ogne e Tom Clegg, dividiram esses esforços.
- Esse pensamento sistêmico nos deu maior visibilidade e credibilidade nos círculos denominacionais da América do Norte. As nossas capacidades ministeriais expandiram-se para além de

indivíduos, pequenos grupos e igrejas individuais, para incluir grupos de igrejas e as suas lideranças.

- Começamos a utilizar a tecnologia de forma mais eficaz para reforçar a nossa contribuição ministerial. Embora tenhamos mantido o nosso compromisso fundamental com um empoderamento altamente relacional e prático dos líderes, adotamos simultaneamente uma variedade de ferramentas tecnológicas para nos ajudar nesse processo.
- Bob nos apresentou ao mundo do “*coaching*”, que, gradualmente, se tornou mais um pilar na forma como a equipe da CRM orienta e treina. Keith e Lori Webb, Steve Ogne e outros estão sobre seus ombros.
- Em seus últimos anos conosco, Bob apresentou à CRM ao Desenvolvimento Natural da Igreja, que alguns de nossos funcionários utilizam como um paradigma útil — embora não o único — para avaliar e compreender a vitalidade e a saúde das igrejas locais.

Em meus anos no ministério, percebi que a inovação não é necessariamente uma qualidade inerente à liderança. Por conseguinte, é sempre necessário dar às pessoas formas de fazer coisas sistemáticas e fáceis de reproduzir. Em graus variados, as pessoas podem ser mais eficazes se tiverem algumas pistas para correr.

Vemos isso ao longo da história. Por exemplo, o Apóstolo Paulo tinha abordagens e métodos distintos que ele repetiu e confiou em seu trabalho. Isso foi capturado no livro seminal de Roland Allen *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Métodos missionários: os de São Paulo ou os nossos?), ou podemos observar os métodos sistemáticos que foram utilizados por São Patrício e pelo movimento Celta. Ou poderíamos citar os metodistas que foram nomeados tão precisamente porque tinham um “método” pronunciado em seu ministério. Essa tem sido

a genialidade do pensamento sistêmico e de como ele pode contribuir para a influência e a eficácia do ministério ao longo dos tempos.

No entanto, como a maioria das coisas na vida, muito de uma coisa boa, ou o mau uso de uma coisa boa, pode ser contraproducente.

Pode haver algumas desvantagens com uma ênfase assim em sistemas e métodos. Primeiro, quando as coisas são codificadas, elas podem se tornar estáticas. É difícil mudar e pensar em cores quando ficamos presos ao preto e branco. O apego metodológico ao longo do tempo é um caminho certo para a irrelevância.

Em segundo lugar, é sempre mais saudável ter esses sistemas, recursos e ferramentas a emergir de um determinado contexto ou cultura do que tê-los importados. Trata-se de um fato antropológico. Tentamos contornar essa barreira (herdada da torre de Babel) através da contextualização, mas a realidade é que a contextualização nunca é perfeita. Algo pode certamente ser melhor do que nada, mas quando esse algo atravessa divisões culturais ele corre riscos significativos de ser mal interpretado, culturalmente inadequado e, até mesmo, culturalmente destrutivo.

A questão-chave que deve ser colocada, independentemente do contexto, é esta:

O que você faria aqui para cumprir o chamado de Deus se não tivesse um método importado, um material, um recurso, um livro diferente da Bíblia ou um processo para começar?

É importante compreender os grandes pontos fortes e as limitações de tais sistemas e métodos de influência. O foco nos sistemas ajudou a preencher e a expandir a caixa de ferramentas da CRM com uma série de habilidades e métodos que podem nos ajudar a dar, mais efetivamente, a contribuição para a qual Deus nos chamou. Que o Senhor nos dê uma capacidade e uma inovação cada vez maiores para desenvolver essa ênfase e a sensibilidade para compreender como usá-la.

32% de todos os tipos de frequentadores regulares da igreja nunca experimentaram a presença de Deus na adoração. 45% não experimentaram a presença de Deus no ano passado.

GRUPO DE PESQUISA BARNA (1997), CITADO NO POST MODERN PILGRIMS (PEREGRINOS PÓS-MODERNOS) DE LEONARD SWEET

Em essência, só há uma coisa que Deus nos pede — que nos tornemos homens e mulheres de oração, pessoas que vivem perto de Deus, pessoas para quem Deus é tudo e para quem Deus é suficiente. Essa é a raiz da paz. Temos essa paz quando o Deus gracioso é tudo o que procuramos. Quando começamos a procurar algo além dele, perdemos.

BRENNAN MANNING, O EVANGELHO MALTRAPILHO

Influência Passada nº 7

Formação Espiritual e o Cuidado com a Equipe

O fluxo de influência de “oração e cuidado” dentro da CRM teve muitas correntes que diminuíram e fluíram, mas a influência geral foi profunda. Eles se entrelaçam, formando uma trama incrível.

É apropriado começar na década de 1970 com Caroline Montgomery, uma viúva idosa e gentil em Birmingham, Alabama. Ela foi uma intercessora formidável e, creio eu, uma das pessoas que, literalmente, trouxeram a CRM à existência através da oração. Ela era uma daquelas pessoas únicas que, silenciosamente e em particular, sabiam como caminhar corajosamente na presença de Deus e agarrá-lo em um abraço que poderia mover sua mão de maneiras sem precedentes.

Ela orou fervorosamente pela CRM durante a nossa criação e os primeiros anos. Quando Caroline faleceu, em meados da década de 1980, ficamos com a impressão distinta e até mística de que seu manto havia sido passado de alguma forma para os outros, especialmente para Pat Singletary e Patty Metcalf.

Essa ênfase na intercessão aprofundou-se através do Avivamento de Glen Eyrie em 1985, após o qual outros entraram nessa corrente, às vezes a um custo muito alto. As realidades da guerra espiritual para aqueles dispostos a participar nesse nível são significativas.

Glen Eyrie teve um impacto considerável em Patty, embora ela não estivesse fisicamente presente no evento. Ela ouviu todas as mensagens gravadas e viu como essa visitação única do Espírito me impac-

tu, e sentiu que nós, como um casal, nunca mais seríamos os mesmos. Deus acendeu um fogo nela. Sua compreensão da oração e do poder de cura de Jesus influenciou o curso de sua vida e ministério a partir de 1985. Ela começou a participar de conferências e a receber treinamento e exposição à oração de cura. Ela absorveu centenas de livros sobre vários aspectos da oração e seu paradigma se expandiu e fluiu, influenciando a CRM.

Ela queria ver toda a equipe ir mais fundo com Deus através da oração e sair e “praticar” a oração de cura. Ela também se tornou apaixonada pela importância vital das equipes de intercessão para cada colaborador e mantém essa paixão ainda hoje, falando a todos os nossos novos colaboradores sobre a necessidade de equipes de intercessão dedicadas.

Esse foco de oração e intercessão não parou de crescer durante toda CRM e atingiu um novo nível de expansão e eficácia na Novo. Em nossa compreensão dos cinco componentes de um movimento, a oração ativadora é o primeiro componente essencial (por favor, veja o livreto *Até os Confins da Terra*, no qual isso é descrito em detalhes). Essa prioridade de oração contínua é, também, evidente nas muitas equipes de intercessão pessoal e nos intercessores que oram pela equipe, não de forma passageira ou arrogante, mas, profundamente, como o seu foco principal de ministério.

Na última década, também entramos intencionalmente no crescente e diverso movimento de formação espiritual que emergiu no corpo mais amplo de Cristo. Richard Peace, professor do Seminário Fuller, dá uma excelente visão geral dessa evolução da formação espiritual ao longo da segunda metade do século XX em um excelente artigo na edição de março de 1999 do *Notícias e Notas sobre Teologia* do Seminário Fuller. Vale a pena ler.

Essa ênfase foi efetivamente captada através da nossa equipe Imago Christi sob a liderança de Tom Ashbrook e Bill O'Byrne. Tom escreveu vários livros importantes sobre esse tema. Myra Perrine con-

tribuiu com outro modelo em seu excelente livro *What's Your God Language?: Connecting With God Through Your Unique Spiritual Temperament* (Qual é a sua Linguagem de Deus?: Conectando-Se Com Deus Através De Seu Temperamento Espiritual Único), que fala sobre temperamentos e intimidade com Deus. Nossa equipe ReNew também está diretamente focada na formação espiritual e em como fortalecer as almas dos líderes. Essa ênfase na espiritualidade e na vida contemplativa é, também, um dos três “círculos” dentro da InnerCHANGE e creio que seja um dos segredos da capacidade dela de sustentar o ministério a longo prazo entre os pobres.

Um acontecimento preocupante na vida pessoal de Patty em 1989 — um diagnóstico de depressão grave — impactou-nos a ambos, tornando-nos muito mais conscientes de toda a área da saúde emocional. Começamos a ficar atentos às necessidades emocionais e psicológicas do nosso pessoal. A partir dessa preocupação sincera, Patty começou a falar sobre sua jornada e consciência da saúde emocional em conferências de colaboradores em todo o mundo. Sua vulnerabilidade e abertura ajudaram a criar uma atmosfera de segurança e honestidade dentro da CRM que poderia não ter ocorrido de outra forma. Sempre que ela compartilhava a sua história, víamos pessoas assentindo com a cabeça em reconhecimento e compreensão, e ambos começávamos a perceber que a saúde emocional e espiritual do pessoal não podia ser negligenciada. O sonho de Patty com Deus era uma rede de apoio de pessoas (médicos, terapeutas, diretores espirituais, ministros de oração) dentro da CRM, que cuidariam do bem-estar físico, emocional e espiritual de nossa crescente família CRM. O coração de Deus estava nisso e ele começou a realizar esses sonhos.

Após nossa primeira conferência mundial de pessoal, em 1998, na Hungria, o conselho da CRM se reuniu na Cornerstone House, nosso centro de retiros no sul de Budapeste. Foi uma reunião importante. Depois de ter estado com todos os nossos funcionários na conferência, os membros do conselho estavam profundamente preocupados com o bem-estar espiritual e emocional das pessoas que conheceram. O conselho estava preocupado que nós tivéssemos um número crescente de

pessoas espalhadas por todo o mundo que estivessem sendo espancadas pelos rigores e desafios do ministério. Como resultado, o conselho tinha a intenção de fazer o que fosse necessário para cuidar e desenvolver o nosso pessoal para que eles pudessem prosperar — não apenas sobreviver — a longo prazo.

Esse foi o ímpeto original para o que evoluiu e se tornou a equipe SentWell. Inicialmente liderada por Paul Rhoads, e agora por Alex Galloway e Debbie Schuster, essa equipe deu uma enorme contribuição para o bem-estar espiritual e emocional do nosso pessoal. Ele combinou artisticamente a direção espiritual, o desenvolvimento pessoal, o cuidado pastoral, a oração de cura e a ajuda terapêutica limitada de uma forma que ministrou profundamente a muitos.

A influência global da SentWell em toda a CRM tem sido:

- Reforçar nossa crença de que “o ministério flui de ser”, o que significa que a eficácia do que fazemos vem de quem somos. A profundidade e a maturidade espiritual — o estado das nossas almas — são bases indispensáveis sobre as quais tudo o mais é construído. A nossa integridade no ministério depende da nossa interioridade.
- Uma ênfase em um viés de desenvolvimento. O quão longe vamos é diretamente proporcional ao quão distante vamos. Esse é um fator essencial para a perseverança de 1 Coríntios 15:58 (“*Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale. Entregai-vos sempre plenamente à obra do Senhor, porque sabeis que o vosso trabalho no Senhor não é em vão*”) ser vivida na realidade.
- Vivendo nosso compromisso de que aqueles que servem com a CRM não apenas sobreviverão, mas prosperarão no ministério. Para fazer isso, temos de ser intencionais quanto ao nosso desenvolvimento e cuidado: daí a criação da equipe SentWell e a nossa ênfase em sermos bons mordomos de pessoas.

Há uma grande precedência no que fazemos com tanta ênfase no desenvolvimento e cuidados na CRM e agora na Novo. Ao longo da história do movimento cristão, e particularmente nas ordens religiosas e outras sociedades apostólicas, encontramos uma ênfase na vida contemplativa. Ao longo das eras, as sociedades apostólicas têm sido ricas sementeiras, exibindo uma compreensão profunda de como a saúde emocional, espiritual e física podem ser integradas. E essas sociedades têm sido instrumentos de renovação e vitalidade espiritual que energizam regularmente a Igreja, tanto em sua forma local quanto missionária.

Para onde vamos daqui? Há áreas nessa ênfase em que gostaria de nos ver crescer e expandir. Por exemplo, penso que fazemos coisas boas ao ajudar a sensibilizar os líderes para questões de abertura e transparência. Mas poderíamos oferecer mais no que diz respeito à cura emocional para o quebrantamento que começa a surgir na vida dos líderes em tantos locais de ministério em que servimos. Poderíamos ir mais fundo.

Temos mais a aprender sobre a cura física e o papel do sobrenatural — sinais e maravilhas — e o papel essencial que desempenham nos movimentos do Evangelho. No Ocidente, a pobreza espiritual da Igreja é tão difundida; sinto que estamos apenas arranhando a superfície ao contribuir para a formação espiritual e a reorientação de um cristianismo superficial e insípido.

E no desenvolvimento dos missionários da CRM que servem em todo o mundo, oferecer cuidados “preventivos” e ajuda ao desenvolvimento é um desafio que a equipe SentWell está sempre enfrentando. Ajudar-nos a moldar e a formar-nos numa comunidade de aprendizagem global que abraça a aprendizagem ao longo da vida, particularmente uns dos outros, é uma necessidade permanente.

Nunca faremos nada ou tudo isso perfeitamente. Mas sinto-me encorajado pelo quão longe chegamos ao longo desses últimos anos.

Não estamos onde queremos estar, mas certamente não estamos onde estávamos.

Que Deus nos conceda graciosamente uma percepção forte da sua presença, enquanto essa influência da oração, da formação espiritual e do cuidado continua a crescer entre nós. Espero que, à medida que a Igreja e o mundo que está assistindo observe aqueles que servem com a Novo, suas palavras espelhem as de Atos 4:13:

“Vendo a coragem de Pedro e de João, e percebendo que eram homens comuns e sem instrução, ficaram admirados e reconheceram que eles haviam estado com Jesus”.

Que assim seja conosco.

A igreja deve incorporar o Evangelho na cultura da pós-modernidade para que a igreja Ocidental sobreviva ao século XXI.

HIRSCH & FROST

Nós somos o povo do parênteses – no final de uma era, mas não exatamente no início da próxima. Os novos territórios já não cabem mais nos mapas.

JEAN HOUSTON

Influência Passada n° 8

O Mundo Pós-Moderno

Estamos em uma enorme encruzilhada cultural, um daqueles momentos históricos únicos que alguns rotularam como um “grande período intermediário”. Na cultura ocidental que nos rodeia, estamos no meio do que os macro-historiadores caracterizam como uma fronteira entre eras, à medida que passamos do crepúsculo da modernidade para o alvorecer da pós-modernidade.

Não é minha intenção aqui explicar ou dar uma visão geral desse enorme tsunami cultural. Embora a pós-modernidade tenha finalmente penetrado na consciência popular, ela não é nova: assim como acontece com a maioria dos movimentos culturais, vem sendo incubado entre as elites culturais há décadas e tem sido difundido na filosofia, nas artes, nos meios de comunicação e no ensino superior. Como estamos em um novo milênio, estamos começando a ver a onda pós-moderna finalmente crescer na cultura popular. Infelizmente, no processo, a palavra “pós-moderna” tornou-se tão usada e mal aplicada que está se tornando cada vez mais um termo quase sem sentido.

Para os nossos propósitos, são necessárias algumas observações importantes:

Em primeiro lugar, não se trata, em primeiro lugar, de um fenômeno geracional. Somos ingenuamente míopes em rotulá-lo assim. Ser jovem não é sinônimo de ser “pós-moderno”. É verdade que as questões geracionais estão incorporadas na mudança; mas o que estamos vivendo é um realinhamento filosófico e cultural muito mais amplo.

Em segundo lugar, essa mudança maciça é predominantemente um fenômeno Ocidental. Grandes porções da população mundial nunca entraram no mundo moderno. Por outro lado, devido à globalização, a pós-modernidade tem bolsões urbanos influentes em todo o mundo, onde a comunicação eletrônica e virtual transcende barreiras geográficas, linguísticas e socioeconômicas.

Em terceiro lugar, há muitas subcorrentes importantes e relacionadas à onda de pós-modernidade, particularmente no que se refere ao movimento cristão. Mais notável é o processo contínuo de passagem da cristandade para o pós-cristandade, ou o que alguns missiólogos e historiadores chamam de “desestabelecimento”, que é só um jeito de colocar um rótulo enorme em alguma coisa para fazê-la parecer assustadora.

No entanto, a pós-modernidade, bem compreendida, não é de todo má. Ela simplesmente “é.” Como um fenômeno cultural e filosófico, ela não é diferente do Iluminismo, com a sua multiplicidade de inovações tecnológicas e científicas, que ajudaram a inaugurar a era moderna. O desafio à fé bíblica sempre esteve em compreender e adaptar-se a mutações tão radicais da cosmovisão com um Evangelho que, embora transcendente, deve se contextualizar dentro dela. Como Hirsch e Frost disseram sem rodeios:

“A Igreja deve incorporar o Evangelho na cultura da pós-modernidade para que a Igreja Ocidental sobreviva ao século XXI”.

Então, o que é que isso significa para nós?

- Mais uma vez, Hirsch e Frost explicam bem (ênfase minha):

“O impacto combinado dos desafios à cristandade e à modernidade [da pós-cristandade e da pós-modernidade] tem profundas implicações para a Igreja, a natureza do seu ministério, a missão no mundo pós-moderno, e as formas como a próxima geração de líderes precisa de estar preparada para esses novos desafios. Em

resposta, as igrejas podem viver em negação, estabelecer um perímetro de proteção que defenderão contra tudo o que definirem como sendo de fora, ou aventurar-se em missão”.

- Acredito que aqueles que servem com a CRM e, agora, com a Novo se encontrarão em uma das três “posturas” ou respostas a essas mudanças:
 - a. Os totalmente modernos, que não se adaptarão, nem poderão adaptar-se a essa mudança cultural.
 - b. Os completamente pós-modernos, que nasceram e foram criados com essa visão de mundo e não conseguem entender por que os outros, principalmente os mais velhos, não entendem.
 - c. Aqueles que podem atravessar os dois mundos, podem compreender ambos, e podem ser usados por Deus em ambos. Essa perspectiva exigirá realmente alguma capacidade trans-cultural e considerável alongamento intelectual, emocional e relacional.
- A graça, a generosidade e a compreensão mútua serão exigidas de todos nós porque temos agora, e continuaremos a ter no futuro, pessoas que servem nas três posturas.
- A igreja tradicional, institucional e “moderna” não vai desaparecer tão cedo. Embora esteja em apuros e todos os sinais apontem para o seu declínio, isolamento e crescente ineficácia em meio à(s) cultura(s) em torno dela, a igreja caracterizada por essa visão de mundo não desaparecerá por várias gerações. Apesar de todos os elogios ao contrário, a resiliência dessas instituições é grosseiramente subestimada.
- Alguns dos que servem com a CRM e, agora, com a Novo têm dons e chamados claros à Igreja da modernidade. É aí que a es-

magadora maioria da cristandade ocidental está hoje e estará, no futuro, previsível. No entanto, quando lidarmos com esses crentes, líderes e expressões de igreja local, nosso ministério e nossa presença serão cada vez mais proféticos. Incentivaremos e exortaremos à missionalidade e à mudança. Temos de compreender o futuro e, em muitos casos, podemos ser chamados a desempenhar papel de parteira enquanto ajudamos os outros a navegarem na incerteza do que está por vir. Não seremos sustentadores do *status quo*.

- Acredito que podemos antecipar alguma reflexão teológica significativa e talvez esforçar-nos juntos enquanto lutamos com a própria natureza do Evangelho, como ele deve ser entendido e contextualizado, e o que significa viver ainda mais radical, missional e apostolicamente na era vindoura. No cerne desse entendimento está a natureza da missão de Deus (a *Missio Dei*) e a centralidade nessa missão da “Prioridade da Redenção Humana”.

Vivemos tempos sem precedentes para os quais podemos ter várias respostas. Essa agitação cultural maciça pode produzir medo, entorpecimento e uma propensão a recuar para a segurança e proteção do conhecido. Pode ser terrivelmente inquietante. Ou podemos ser fiéis ao nosso chamado e envolver o que está diante de nós com ousadia, fé e humilde ensinabilidade. Essas são oportunidades maravilhosas para ver o Deus da história se revelar em poder nos nossos dias e associar-se a ele nos seus propósitos e realidades do Reino. Sinto-me profundamente privilegiado por poder participar com homens e mulheres de tão notável calibre numa aventura tão grandiosa!

PARTE II: INFLUÊNCIAS FUTURAS

O apostolado Paulino é exercido por comunidades pioneiras e móveis que iniciam comunidades locais do Reino onde elas ainda não existem. São comunidades dinâmicas e móveis... Uma segunda forma de apostolado – o que chamo apostolado Petrino – também é retratada no Novo Testamento...[e] é mais predominante do que eu imaginava. Existe um ministério apostólico para os não alcançados (o Paulino), mas há também um ministério apostólico para o povo de Deus que já existe (o Petrino).

DICK SCOGGINS, MISSION FRONTIERS (JULHO-AGOSTO DE 2006)

O movimento cristão Celta começou a multiplicar comunidades monásticas de envio de missões, que continuaram a enviar equipes para assentamentos, a fim de multiplicar igrejas e iniciar pessoas na vida comunitária de plena devoção ao Deus Trino.

GEORGE HUNTER, THE CELTIC WAY OF EVANGELISM (O JEITO CELTA DE EVANGELIZAR)

Influência Futura n° 1

Chamado Apostólico

Acreditamos que, sempre que ocorreram movimentos do Evangelho, tanto histórica como contemporaneamente, pessoas apostólicas e equipes apostólicas estiveram na mistura. Às vezes, esses componentes não são manifestamente evidentes, mas ainda não encontrei qualquer exceção a essa regra.

Uma equipe apostólica é *aquela estrutura missionária, distinta da igreja em sua forma local, onde os “enviados” — comprometidos com um conjunto de valores e tarefas comuns — são chamados a tocar a vida e o ministério em conjunto*. Essas pessoas e equipes apostólicas são exclusivamente concebidas por Deus para atravessar barreiras — sejam elas culturais, linguísticas, sociais ou geográficas — em prol do Evangelho. Isso lhes dá uma capacidade diferente das expressões de igreja local, cuja missão e foco são principalmente os próximos.

Isso significa que as equipes apostólicas são distintas das igrejas locais. Sempre foram, histórica, bíblica e missiologicamente. Essa compreensão da vocação apostólica e das estruturas em que ela prospera é o que chamamos de “eclesiologia apostólica”.

Esse é o foco de *Além da Igreja Local: Como os Movimentos Apostólicos Podem Mudar o Mundo*. Não posso reiterar aqui tudo o que esse volume descreve em detalhes, a não ser para recomendá-lo. Foi escrito para validar, afirmar e legitimar aqueles a quem Deus chamou para atividades apostólicas fora e além da igreja em sua expressão local, também foi escrito para demonstrar a necessidade absoluta de tais estruturas apostólicas.

São inúmeros os exemplos de equipes apostólicas ao longo da história do movimento cristão. O movimento Celta — que evangelizou a Europa e além no século V — é um excelente exemplo. As equipes e “comunidades” celtas eram bastante distintas das paróquias locais que eram criadas regularmente ao seu redor. A dinâmica dessa segunda decisão — as entidades sodálicas — é diferente do contexto de criação da igreja local. Há algo de único quando aqueles que compartilham um chamado comum, participam numa visão comum, e fizeram o que Ralph Winter descreve como um “compromisso de segunda decisão”, se juntam.

Um dos fatores cruciais para a eficácia e longevidade das equipes apostólicas é a sua capacidade de manter as suas distinções à parte das estruturas de igrejas locais e diocesanas. Quanto mais essa distintiva é comprometida ou se torna obscura, mais é diluído o poder de uma estrutura apostólica para ser o que poderia ser e efetuar a mudança. Essa dinâmica é um fato histórico e sociológico.

Ao longo dos anos, a InnerCHANGE abriu muitas vezes o caminho ao experimentar uma compreensão tão radical de comunidade, uma vez que a nossa equipe entrou em ritmos de convivência e de ministração em conjunto, característicos de uma ordem.

Então, o que isso significa para nós daqui para frente?

- A CRM no passado, e, agora, a Novo, sempre teve “equipes” que experimentaram e viveram este fenômeno apostólico, particularmente em contextos internacionais. Embora comprometidas com um chamado central comum, as equipes apostólicas abraçam intencionalmente uma melhoria qualitativa e relacional que vai além do simples trabalho conjunto.
- Embora seja sempre uma opção, esse compromisso com a comunidade não significa necessariamente viver em proximidade geográfica. Existem todos os tipos de variações e configurações que funcionam dependendo do contexto. Equipes apostólicas

podem ser encontradas ao longo de um *continuum* onde se misturam e se combinam várias características, e elas podem até ser virtuais. Tem a ver com viver juntos no compromisso mútuo de um chamado compartilhado.

- Essa compreensão da vida e do ministério é fundamental para a geração emergente e creio que será cada vez mais essencial para um ministério eficaz na era pós-moderna. Embora atraíamos sempre homens e mulheres empreendedores, eles vão querer cada vez mais ser pioneiros *juntos*.
- A missionalidade radical e o compromisso com uma vocação comum — definida pela visão, propósito, doutrina e valores (por vezes expressos como uma “regra” nas ordens tradicionais) — são necessidades para o funcionamento de qualquer equipe apostólica.

Então, o que isso significa para mim, como uma pessoa chamada apostolicamente, em relação ao envolvimento em uma igreja local? Pode significar, como muitas outras situações na vida, que eu vivo com alianças duplas e com pés em dois mundos diferentes.

Deixe-me ilustrar a partir da história. Se eu fosse um jesuíta, eu poderia estar envolvido em uma paróquia local ou em qualquer igreja local perto da minha missão de ministério. Mas o meu chamado *primário* seria para os jesuítas como uma comunidade apostólica. Isso significa que essas duas alianças estão em conflito? Não deveriam. De fato, devem ser complementares e interdependentes, que é o padrão saudável sempre que o movimento cristão prosperou historicamente.

À medida que a igreja norte-americana continua a sua tendência à impotência, essas equipes apostólicas e as novas expressões de igreja que elas irão gerar vão crescer em influência contracultural. A *Christianity Today* recentemente publicou uma reportagem de capa sobre “O Novo Monasticismo”, que destacou a tendência crescente para esse tipo de ministério na América urbana. Além disso, em um artigo curto

e fascinante no volume de julho/agosto de 2006 da revista *Mission Frontiers*, Dick Scoggins faz uma distinção perspicaz entre as funções apostólicas Petrinas e Paulinas, sobre as quais elaboro em *Além da Igreja Local*. É uma distinção muito útil. Temos pessoas servindo com a Novo que são Paulinas e Petrinas.

Outros volumes que são úteis são: *The Celtic Way of Evangelism* (O Jeito Celta de Evangelizar) por George Hunter e *Committed Communities* (Comunidades Comprometidas) por Charles Mellis. Existem muitos outros recursos maravilhosos, como o clássico de Dietrich Bonhoeffer, *Vida em Comunhão*, que aprofundam essas conversas. Como escreve Henri Nouwen:

[Comunidade] é o reconhecimento gracioso do chamado de Deus para compartilhar a vida juntos e a jubilosa oferta de um espaço hospitaleiro no qual o poder recriador do Espírito de Deus pode se tornar manifesto.

Que Deus nos dê ao longo da Novo formas de experimentar essa realidade através de expressões de equipes apostólicas e de comunidades que são renovadas, poderosas e espiritualmente estimulantes, não só para nós, mas através de nós, para os líderes e para um mundo sofredor a quem Jesus deseja tocar.

A mensagem da salvação implica, também, uma mensagem de juízo sobre todas as formas de alienação, opressão e discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem a Cristo, nascem de novo no seu Reino e devem procurar não só exibir, mas também difundir a sua justiça no meio de um mundo injusto.

PACTO DE LAUSANNE, ARTIGO V

O Evangelho das igrejas emergentes não se limita à salvação pessoal. Trata-se de uma transformação social decorrente da presença e, permeação, do Reino de Cristo. O Evangelho do Reino é proeminente em todos os quatro Evangelhos. As igrejas emergentes já não estão satisfeitas com uma mensagem reducionista, individualizada e privatizada.

GIBBS & BOLGER, IGREJAS EMERGENTES

Holismo Bíblico em Palavra, Obra e Poder

Em meus primeiros dias de ministério, lutei com a natureza do Evangelho, a natureza do Reino, e com o papel que o ativismo e a preocupação social — o que os teólogos chamam de “mandato cultural” — desempenha na *Missio Dei*, a missão de Deus. Dei meus primeiros passos estudando o cenário dos protestos da era do Vietnã e o surgimento de vozes contraculturais como os Sojourners, Ron Sider (*Rich Christians in an Age of Hunger [Cristãos Ricos numa Época de Fome]*), Howard Snyder (*The Community of the King [A Comunidade dos do Rei]*), Viv Grigg (*Companion to the Poor [Companheiro dos Pobres]*), e o Movimento de Jesus.

Durante os meus primeiros dias no Seminário Fuller, estudei com George Ladd (*The Gospel and the Kingdom [O Evangelho e o Reino]*) e Orlando Costas da América Latina, um forte defensor da missão holística que foi uma voz particularmente poderosa por causa de sua perspectiva do Terceiro Mundo. Peter Wagner e o seu volume, *Church Growth and the Whole Gospel (O Crescimento da Igreja e o Evangelho Integral)*, teve um efeito profundo na formação dos meus valores e compreensão dessa questão. Sou grato pelo fato das minhas convicções terem sido desenvolvidas no âmbito da missiologia e não terem sido apenas respostas às questões populares da cena norte-americana que, infelizmente, podem ser influenciadas por aquilo que parece politicamente correto nesse momento.

Tudo isso foi ainda mais estimulado pelo meu envolvimento ao lado de John Hayes durante os dias de formação da InnerCHANGE, que me desafiou a pensar além das suposições que herdei de ser um anglo de classe média. Muito disso culminou para mim quando me en-

volvi em pesquisa para minha tese de doutorado em 1986-89, com foco sobre uma teologia bíblica dos pobres e as implicações subsequentes para nós como uma estrutura missionária apostólica, uma vez que a InnerCHANGE tornou-se parte da CRM.

Percebi, também, que em virtude dos meus dons e da minha vocação, provavelmente nunca viveria encarnadamente entre os pobres. No entanto, isso não me desculpou da obediência a um Evangelho holístico e das exigências transformadoras do senhorio de Cristo sobre todos os aspectos da vida — o uso do dinheiro, a reconciliação racial, o padrão de vida, a cultura da vida, a falta de moradia, o meio ambiente e o cuidado com a terra, a justiça social, os pobres e assim por diante.

Todas estas são questões com as quais Patty e eu lutamos discretamente ao longo dos anos e sobre as quais, por vezes, assumimos compromissos pessoais. Foram suficientemente visíveis? Provavelmente não. Influenciaram a CRM? Algumas, mas não o suficiente. Há mais que podemos e devemos fazer mais pessoalmente? Sempre.

Não creio que as nossas respostas a Deus relativas a tais questões sejam sempre estáticas. É muito fácil tornarmo-nos culturalmente cativos e ignorarmos a facilidade com que podemos cair em atitudes e ações justificadas que estão simplesmente em desacordo com o Evangelho do Reino.

Creio que existem três níveis em que podemos responder aos desafios de uma compreensão holística do Evangelho:

- Pessoalmente;
- Nas nossas equipes;
- De forma organizacional.

Comentei brevemente sobre o primeiro nível. O que isso significa pessoalmente é um processo contínuo, porque Patty e eu buscamos clareza de Deus sobre o que tudo isso significa e, pessoalmente, pro-

curamos viver a totalidade das Boas Novas. Explorar o segundo nível também é algo que está em andamento, à medida que cada um de nós explora como fazer isso de forma prática em relação àqueles com quem compartilhamos a vida e o ministério em uma base próxima e relacional.

Então, o que significa isso para a Novo como expressão apostólica da Igreja? E o terceiro nível?

Em primeiro lugar, creio que isso tem implicações para o tipo de líderes que capacitamos e reproduzimos nos movimentos do Evangelho que multiplicamos. Queremos produzir uma liderança que tenha uma compreensão totalmente bíblica da natureza do Evangelho e de todas as suas dimensões.

Permita-me que ilustre ao extremo. Hitler era um líder eficaz. Só porque ele foi eficaz não significa que é isso que queremos empoderar, encorajar ou reproduzir. Creio que a Novo precisa continuar o nosso impulso em direção a um critério mais claramente definível e articulado para o tipo de líderes que Deus nos chamou a ser e a multiplicar. Esses critérios devem abranger a totalidade das Boas Novas.

Em segundo lugar, que tipo de igrejas estamos moldando, servindo e reproduzindo? Como podemos propagar expressões do corpo de Cristo — tanto as que já existem quanto as que queremos ajudar a emergir — que possam refletir um maior compromisso com um Evangelho bíblico holístico? Queremos todas as dimensões do Evangelho nas igrejas que servimos e nos movimentos que multiplicamos.

Uma preocupação particular para aqueles de nós que lideram a Novo no futuro é a forma como internalizamos essa compreensão do Evangelho na formação e treinamento de pessoal. Se, de fato, o que temos de dar à Igreja é quem somos — uma vez que acreditamos que o ministério flui do “ser” —, então uma infusão de uma compreensão bíblica e de um compromisso com um Evangelho holístico é crucial.

Nossa melhor compreensão e articulação do que entendemos por “evangelho holístico” é capturada no livreto da coleção *Fundamentos: Palavra, Obra e Poder: Três Dimensões do Evangelho*. Ele nos dá um paradigma simples, mas incrivelmente poderoso, para compreender esses elementos e como podemos viver no centro, onde estão plenamente integrados e expressos.

Estou certo de que há muito mais que pode ser e será dito sobre esse tema. Mais um capítulo desse livreto se aprofundará na dimensão do “poder”, que tem sido, provavelmente, a nossa mais fraca ao longo das décadas.

Espero que o nosso pessoal — amigos, parceiros financeiros e ministeriais — se juntem entusiasticamente a nós enquanto fazemos esta viagem juntos. Promete ser uma experiência emocionante à medida que exploramos juntos o que significa viver o governo do Reino de Jesus em todos os aspectos de nossa vida e ministério comuns e entre aqueles a quem Deus nos chamou para servir enquanto multiplicamos os movimentos do Evangelho.

As palavras escritas por Menno Simons (1496-1507), o fundador catalítico do movimento Menonita, merecem a nossa consideração:

*A verdadeira fé evangélica não pode dormir.
Porque ela veste o nu,
Alimenta os famintos,
Conforta os aflitos e acolhe os necessitados.
Devolve o bem ao mal,
Serve aos que o prejudicam, ata os feridos,
E procura aquilo que foi perdido.
A verdadeira fé evangélica não pode dormir.*

É surpreendente que a maioria dos missionários protestantes... tenha sido cega para o significado da própria estrutura em que trabalharam. Nessa cegueira, eles simplesmente plantaram igrejas e não se preocuparam, efetivamente, em garantir que o tipo de estrutura de missão dentro da qual operam também fosse estabelecido no campo.

RALPH WINTER

Além da visão, crenças, valores e propósito, cada entidade nacional da CoNext concorda com uma visão abrangente para multiplicar os movimentos do Evangelho entre as nações. Trabalhando em conjunto, esses ministérios nacionais formam uma parceria global para buscar essa visão compartilhada.

Essa parceria chama-se CoNext (“Co” significa “juntos” e “Next” significa “o futuro”): juntos no futuro.

DE “VISÃO GERAL DA CONEXT”

Influência Futura n° 3

CoNext: Parceiros Nacionais na Multiplicação de Movimentos do Evangelho

Durante uma reunião do Conselho da CRM-US, a nossa atenção voltou-se para a natureza, o âmbito e a visão da CoNext, e tivemos uma conversa aprofundada sobre as implicações. No final desse tempo, pude ver que as luzes se acenderam de uma maneira nova para muitos na sala. Um membro do conselho — que já havia participado de apresentações semelhantes — disse: *“Eu finalmente entendi! Isso é empolgante!”*. Outro ficou emocionado e comentou: *“O impacto potencial disso é enorme. Isso é impressionante!”*.

Sei que a CoNext tem sido um conceito difícil de comunicar. Falei sobre isso durante uma sessão plenária no nosso primeiro encontro mundial na Hungria, em 1998, e em todas as conferências desse tipo desde então. Tento abordá-lo em cada orientação para o nosso novo pessoal e reunir-me regularmente com líderes individuais em todo o mundo para ajudar a desenrolar os pormenores, mas ajudar as pessoas a compreender a magnitude e o potencial do conceito a ponto de abraçá-lo tem sido um desafio.

Em meados dos anos 90, foi tomada a decisão de que a CRM-US não evoluiria estruturalmente para o que poderia ser comumente descrito como uma “corporação multinacional”. Embora um certo número de organizações, em particular as da época pós-Segunda Guerra Mundial, tenham percorrido esse caminho, optamos deliberadamente por não fazê-lo. Uma estrutura assim significaria uma liderança hierár-

quica e centralizada que supervisiona entidades nacionais em todo o mundo e que são essencialmente subsidiárias, integrais e controladas.

Em vez disso, decidimos que deveríamos evoluir para uma parceria internacional de entidades apostólicas nacionais, tão independentes quanto possível, que se relacionam entre si com base na visão, propósito, crenças e valores partilhados. Nesse modelo de ministério global, escolhemos que estes ministérios nacionais se relacionassem uns com os outros numa base fraterna e relacional. Chamamos essa parceria internacional de CoNext, o que quer dizer *“Vamos juntos para o futuro”*.

Manter a singularidade de visão, propósito e valores é certamente mais fácil quando a estrutura é centralizada e de cima para baixo. No entanto, o impacto é muito mais abrangente quando libertamos as pessoas e as capacitamos genuinamente a contextualizar e a multiplicar. Na estrutura que adotamos, descentralizamos o controle e permitimos que o Espírito de Deus seja aquele que guia e dirige. Embora essa estratégia seja certamente mais arriscada, a contribuição potencial para os propósitos do Reino de Deus entre as nações é muito maior.

Acreditamos que um modelo de parceria como a CoNext:

- Leva a menos dependência;
- Permite uma contextualização mais eficaz;
- Fornece potencial exponencial para multiplicação;
- Mantém a nossa ênfase na interdependência relacional que transcende os laços organizacionais.

Existem vários parâmetros de referência essenciais que utilizamos para ajudar a definir a participação da CoNext para qualquer uma das organizações parceiras em todo o mundo. A participação na CoNext exige que o ministério avance para:

- Nacionais na equipe;
- Nacionais na liderança;
- Nacionais sendo enviados como missionários.

Convidamos à participação formal na CoNext quando os dois primeiros parâmetros de referência tiverem sido cumpridos e o planejamento estiver em vigor para o terceiro. A liderança dos vários parceiros reúne-se regularmente todos os anos e há um intercâmbio crescente de pessoal e de aprendizagens compartilhadas. Estamos empenhados em manter a CoNext simples e enxuta. Não temos todas as respostas para todas as eventualidades e estamos descobrindo muitas coisas à medida que avançamos.

Isso pode ser, particularmente, desafiador quando o fluxo de dinheiro e de recursos está envolvido. Embora as nossas intenções sejam que essa partilha ocorra sem amarras, isso tem de ser equilibrado com as responsabilidades legais, morais e fiduciárias exigidas aos países de envio e de recepção. É, também, um desafio manter o alinhamento com a nossa vocação partilhada através da influência, e não do controle.

É certo que, devido a números e recursos absolutos, a CRM-EUA continua a ser o elefante proverbial na sala. No entanto, a CoNext nos dá a melhor oportunidade possível para capitalizar essa realidade, sem permitir que ela corrompa e estrague o que Deus gostaria de ver numa parceria mundial comprometida com a multiplicação dos movimentos do Evangelho.

Visamos uma estrutura internacional que possa continuar a prosperar e a se expandir, mesmo que algum dos membros componentes se dissolva. Por exemplo, se a CRM-EUA deixasse de existir, queremos que cada um dos parceiros se mantenha por conta própria e continue a

perseguir o chamado de Deus às nações. Queremos que a CoNext seja uma estrela do mar e não uma aranha!²

O fato é que cada um dos parceiros — e principalmente nós, da América do Norte — tem muitíssimo a aprender com os nossos irmãos e irmãs noutros contextos transculturais. A minha oração é que a CoNext nos dê um dos melhores veículos e quadros possíveis para essa aprendizagem, compreensão e cooperação mútuas, ao mesmo tempo que limitam parte do etnocentrismo característico dos movimentos missionários do passado.

Também temos sido sensíveis a algumas das dinâmicas que têm atormentado “coligações” e esforços cooperativos semelhantes ao longo dos anos no empreendimento missionário global. É por isso que um dos principais focos da CoNext é desenvolver a capacidade organizacional em âmbito e eficácia de cada uma das entidades nacionais. A saúde dessas organizações e sua liderança são pré-requisitos essenciais para que qualquer esforço cooperativo prospere. Por isso, procuramos diligentemente desenvolver capacidades organizacionais. *Visão sem a capacidade organizacional e a estrutura correspondentes para realizar essa visão resulta em sonhos vazios e não realizados.*

Embora tenhamos adotado uma declaração de visão que todas essas entidades afirmam (juntamente com valores, crenças e missão), também temos um compromisso compartilhado adicional para a CoNext que se desenvolveu mais recentemente e está recebendo maior visibilidade. Esse compromisso transcende todas as nossas respectivas entidades nacionais, e cada líder nacional que participa na CoNext deu-lhe uma afirmação sincera. Ele afirma:

Nós nos vislumbramos como uma parceria de sodalidades apostólicas que, juntas e individualmente, nos geramos e multiplicamos

2 Veja *The Starfish and The Spider: The Unstoppable Power of Leaderless Organizations* (A Estrela do Mar e a Aranha: o Poder Imparável das Organizações sem Líderes) por Brofman e Beckstrom.

de modo que, em todos os contextos culturais em que ministramos, reproduzamos solidariedades com a mesma mentalidade, cada uma comprometida com um núcleo comum de crenças, valores, visão e propósito, a fim de multiplicar os movimentos do Evangelho entre as nações, relacionando-se umas com as outras em uma parceria global, abraçando objetivos estratégicos compartilhados, para que o nome de Deus seja conhecido entre as nações.

Que o Senhor assim o faça nos próximos anos.

Em tempos de mudança, os aprendizes herdarão a terra, enquanto os conhecedores se encontrarão belissimamente equipados para lidar com um mundo que não existe mais.

ERIC HOFFER

O conhecimento torna-se obsoleto incrivelmente rápido. A educação profissional continuada de adultos é a indústria número 1 nos próximos 30 anos... principalmente online.

PETER DRUCKER

Crescendo como uma Comunidade Global de Aprendizagem

O e-mail era de um dos nossos colaboradores que vivia na Rússia. Ele queria saber onde poderia encontrar alguma ajuda específica sobre um aspecto do seu ministério entre um grupo de pastores e líderes nacionais. Coloquei-o em contato com um dos nossos colaboradores que ministram na Indonésia. Eles começaram a conversar. Como resultado, vários meses depois, a equipe da Ásia fez uma viagem à Rússia e passou uma semana trabalhando com seu colega eslavo, ajudando a transmitir recursos e competências que eram aplicáveis e úteis no contexto russo.

Esse não é um incidente isolado. À medida que o número do nosso pessoal continua a aumentar e o nosso povo se espalha por dezenas de nações em todos os continentes, há uma necessidade crescente da mão direita saber mais sobre o que a mão esquerda está fazendo. Essa história ilustra esse fato. Temos coisas incríveis acontecendo em todo o mundo, mas, infelizmente, muitas vezes temos que reinventar a roda proverbial porque não sabemos o que o outro está fazendo. Como podemos estar melhor conectados? Como podemos aprender uns com os outros? Como podemos relacionar-nos uns com os outros de uma forma que facilite o nosso próprio crescimento e nossas relações e abranja distâncias geográficas e contextos culturais?

A pergunta que está no cerne dessa questão é: “como podemos estar ligados entre nós de uma forma que as aprendizagens e até mesmo as relações possam ser compartilhadas de forma mais eficaz?” Em essên-

cia, o desafio é moldar o ministério do futuro em uma comunidade de aprendizagem mais global.

Quem me dera que houvesse um interruptor mágico que pudéssemos apertar para realizar isso. Infelizmente, receio que não haja uma única cura ou uma única coisa que possamos fazer que produza o resultado que desejamos. É um processo que exigirá múltiplas etapas e a cooperação de muitos.

Penso também que não podemos ignorar a dificuldade de tal processo. Cada organização chega a pontos da sua história em que as próprias coisas que podem ter sido bem feitas podem impedir a satisfação das necessidades futuras. Sem sacrificar as nossas forças, teremos de lidar com a forma como os nossos impulsos empresariais e a nossa independência devem ser restringidos em deferência a tais esforços de cooperação. Precisamos reconhecer como que parte de nosso DNA pode dificultar isso, juntamente com uma variedade de obstáculos práticos: cultura, dinheiro, tempo, diferentes estágios da vida e como que cada um de nós pode se tornar absorvido em nossos respectivos mundos ministeriais. É fácil ficarmos sobrecarregados com aquilo que já conhecemos e que ainda não conseguimos realizar.

Apesar dos desafios, quais são algumas das maneiras pelas quais podemos prosseguir no futuro para avançar mais em ser uma comunidade global de aprendizagem?

- Criaremos uma liderança que é empoderada para promover e executar esse tipo de colaboração e compartilhamento de recursos e de aprendizagem. Isso inclui posições que se concentrem no desenvolvimento do nosso pessoal.
- Parte desse foco de desenvolvimento requer uma formação melhor e mais contínua do pessoal.
- Utilizaremos a melhor tecnologia. Nosso *espaço de trabalho* online destina-se a ajudar a satisfazer essa necessidade, atra-

vés da qual as pessoas podem compartilhar ajuda e recursos em tempo real.

- A introdução e o crescimento das redes sociais têm sido um trunfo para nos conectar globalmente. Fizemos um bom começo, mas isso pode ser um desafio para pessoas não acostumadas à web ou que estão em ambientes com pouco ou nenhum acesso à internet.
- Existem inúmeras outras relações e parcerias com as quais nos envolvemos, explorando maneiras de formar coligações com outras organizações igualmente empenhadas. Alguns estão com instituições educacionais formais e *think tanks* onde aprendemos e colhemos muito do que poderia melhorar nossa compreensão missiológica e os ambientes em rápida mudança nos quais somos chamados a ministrar.
- Experimentamos polinização cruzada em toda a Novo facilitada por várias Iniciativas de Colaboração Estratégica (SCIs). São bons exemplos de colaboração e de cooperação. Embora tenhamos permitido e até encorajado distinções divisionais nos últimos anos, o que precisamos aprender uns com os outros agora supera em muito qualquer ameaça real ou percebida de que um treinamento cruzado e exposição assim seriam para o território particular de qualquer pessoa.
- Queremos descobrir como aumentar as oportunidades para os funcionários visitarem e se envolverem com pessoas de outras equipes, vivendo em outros locais e ministrando em outras culturas. Esperamos encorajar e facilitar mais encontros que ultrapassem as fronteiras coletivas, culturais e geográficas.

Coerentes com os nossos valores, acreditamos e percebemos que nada pode substituir as relações de confiança se quisermos funcionar como uma comunidade de aprendizagem global. Não são os livros, os recursos online, nem o material impresso que criam uma comunidade

de aprendizagem. Acreditamos que a informação, por si só, não facilita a mudança transformacional. São os relacionamentos.

Como vivemos num mundo virtual, temos oportunidades para facilitar esses relacionamentos de formas nunca antes sonhadas nas gerações anteriores. Por outro lado, como os astutos sociólogos, futurólogos e observadores do desenvolvimento humano nos têm alertado, não há substituto para a ligação pessoal e íntima em carne e osso com os outros. Não há substituto para a “presença”, que é demonstrada mais vividamente através da encarnação de Jesus.

Essa jornada de aprendizagem e crescimento em conjunto pode ser estimulante. No entanto, é também um processo e pode haver tanta alegria na forma como o fazemos juntos, como no que aprendemos como resultado.

As competências envolvidas na seleção e formação dos líderes da igreja nos campos missionários do mundo são, sem dúvida, as competências mais importantes que os missionários com dons apostólicos podem levar para a maioria dos campos de hoje.

C. PETER WAGNER, COMMENTARY ON ACTS (COMENTÁRIO DE ATOS)

Se aprendi alguma coisa com a minha investigação, é o seguinte: o fator que dá poder à força de trabalho e, em última análise, determina quais as organizações que conseguem ou fracassam é a liderança dessas organizações. Quando as estratégias, processos ou culturas mudam, a chave para a melhoria continua a ser a liderança.

WARREN BENNIS

Os maiores líderes não são aqueles que ganham mais seguidores. Líderes assim são muitas vezes perigosos... tornam-se líderes de multidões enfurecidas, demagogos e ditadores. A melhor liderança é aquela que cria outros líderes. O cristianismo depende, para sua preservação, da capacidade de passar o bastão da liderança de uma geração para outra.

ADAPTADO DA BIOGRAFIA DE SAMUEL MORRIS DE LINDLEY BALDWIN

O Imperativo do Desenvolvimento da Liderança

Lembro-me da conversa com um líder da CRM, cuja opinião eu valorizo muito. Ele fez o comentário, *“Talvez estivemos nesse barco do ‘desenvolvimento de liderança’ por tempo demais... devemos repensar isso como um elemento central de quem somos e o que a CRM faz?”*

Não respondi naquele momento, mas o comentário ficou na minha cabeça e me levou a muita reflexão, oração e consideração ao longo dos meses que se seguiram. Será que o conceito ou a necessidade do desenvolvimento de líderes para a Igreja — a Igreja que é e a Igreja que precisa emergir — é realmente coisa do passado? Será que esse foco ministerial está fora de moda, ultrapassado, é “coisa de boomer” ou de seja lá qual rótulo geracional que decidimos colocar nele?

Depois de ter ponderado sobre isso, cheguei à conclusão de que esse senso central de chamado e foco tem sido e permanecerá sendo, nosso ponto em comum como sodalidade apostólica. Não representa apenas uma das nossas ênfases ministeriais “herdadas”, mas é um dos cinco componentes que acreditamos serem essenciais sempre que ocorre um movimento genuíno do Evangelho.

Independentemente do contexto — entre os pobres, entre as gerações mais jovens e emergentes, entre pastores e plantadores de igrejas, entre leigos e mulheres, entre empresários e profissionais, entre aqueles em qualquer ambiente transcultural —, os movimentos do Evangelho só prosperam e se multiplicam quando líderes piedosos prosperam e se multiplicam. Como comentei numa carta a todos os nossos parceiros financeiros:

Onde quer que a CRM como um movimento apostólico esteja presente nos EUA e internacionalmente, capacitar líderes tem sido um dos 'fios dourados' que liga todos os nossos ministérios.

Não é algo novo. Ele aparece em todos os nossos documentos semanais desde o início da CRM até a Novo nos dias atuais. Sempre que reviso a nossa história, esse aspecto da nossa vocação nunca vacilou ou diminuiu. Embora certamente mais forte em alguns cantos do ministério do que em outros, tem sido um tema unificador primário que influenciou nosso chamado comum desde o início.

Ao mesmo tempo, acreditamos que o desenvolvimento de líderes não é um fim em si mesmo. À medida que a CRM entrou no século XXI, percebemos que, embora fundamental, o desenvolvimento da liderança é apenas *um* de vários componentes vitais para os movimentos do Evangelho.

Nunca se mantém por si só. O chamado e a formação dos Doze por Jesus tinham um propósito maior e mais grandioso: Foi para que o movimento que ele estava iniciando se multiplicasse e se sustentasse até chegar a todas as línguas, tribos e nações.

Não haverá “movimentos de igrejas novas e autênticas”, como imaginamos, nem qualquer transformação cultural sustentável a longo prazo em indivíduos, comunidades ou culturas ao nosso redor sem a liderança para que isso aconteça.

Percebo que, em algumas gerações emergentes, muitas pessoas ficam com a pulga atrás da orelha quando alguém começa a falar de liderança. Isso é compreensível. Algumas observações:

Em primeiro lugar, em muitas igrejas locais as pessoas são cínicas e céticas em relação a conceitos de liderança que cheiram a modelos hierárquicos, de cima para baixo, autoritários, controladores e orientados para os negócios. Eles são justamente repelidos por sistemas religiosos que beneficiam o poder e o prestígio de alguns, em vez de beneficiar

aqueles que são liderados. Eles acreditam que isso é característico de grande parte da vida da igreja existente na cultura ocidental da modernidade. À medida que levam a sério a vida de Jesus, pouco à sua volta na igreja institucional parece alinhar-se com o tipo de liderança bíblica e servil que é enfatizada nas páginas do Novo Testamento.

Em segundo lugar, na sua reação aos abusos, muitos podem estar jogando o bebê fora junto com a água proverbial do banho. Por mais que sejamos desligados pelos modelos insalubres de liderança que nos rodeiam, não podemos voltar a um mundo ou Igreja sem líderes. Não podemos retirar essa função das páginas da história, da cultura ou das Escrituras. Não podemos negar que é um dom espiritual concedido pelo Espírito de Deus para o bem de todos.

Em terceiro lugar, temos de perceber, como disse um comentarista no excelente livro de Alan Roxburgh, *The Sky is Falling* (*O Céu está Caindo*):

...as formas de liderança que funcionaram na igreja por tanto tempo agora são deficientes — elas se tornaram responsabilidades para a formação da igreja que devemos nos tornar.

No Ocidente, estamos no meio de uma enorme descontinuidade cultural. A forma como a liderança é definida e exercida num ambiente cada vez mais caótico não pode depender de fórmulas passadas. Como escreve Mary Jo Leddy:

Estamos vivendo um daqueles históricos momentos entre períodos em que um antigo modelo de vida religiosa... está desaparecendo e um modelo futuro ainda não se tornou claro. Poderíamos ser tentados a fugir dos dilemas desse momento para um passado mais seguro, para a superfície do presente ou para alguma resolução arbitrária do futuro. Essas são verdadeiras tentações e só podem ser enfrentadas com a fé de que essa é a nossa hora...

Isso nos leva a alguns pontos cruciais. Em primeiro lugar, a forma como a liderança é desenvolvida é um empreendimento altamente contextual.

Há, por um lado, qualidades bíblicas e universais que informam o desenvolvimento de uma liderança piedosa e servil; ao mesmo tempo, a aparência desses líderes pode ser radicalmente diferente, dependendo do cenário e da cultura. A tese de doutorado de Mike Crow sobre “autoridade espiritual na Ásia” fala exatamente sobre isso. A liderança bíblica eficaz na Ásia pode ser exercida de forma bastante diferente da Europa Ocidental, que pode ser totalmente diferente da África Oriental e assim por diante. Embora o desenvolvimento da liderança seja um componente essencial para a saúde e a vitalidade do movimento cristão em qualquer cultura, a forma como isso é feito depende criticamente das normas e necessidades — bíblicamente informadas — desses vários contextos.

Em segundo lugar, a forma como descrevemos e comunicamos o conceito precisa acomodar adequadamente os contextos culturais na rápida evolução em que vivemos e ministramos. Às vezes, penso que as reações ao “desenvolvimento da liderança” são muitas vezes reações às caricaturas — as palavras e a terminologia que usamos para expressar os conceitos — e não à realidade. Há muitas maneiras de sermos mais sensíveis ao que comunicamos sem comprometer a própria natureza do que é liderança bíblica.

Uma das críticas que apresentei sobre o nosso trabalho ao longo dos anos é que o nosso foco no desenvolvimento de líderes é amplo demais. Todo mundo lá fora, no mundo cristão, pode alegar estar fazendo “desenvolvimento da liderança” a ponto de se tornar uma frase de efeito desprovida de significado. Então, o que torna o que fazemos no desenvolvimento de líderes para movimentos do Evangelho, de alguma forma, diferente? Para responder a essa pergunta, vou me concentrar em três questões:

- Que tipo de líderes somos chamados a desenvolver e multiplicar?
- Como é que fazemos isso?
- Para que estão sendo desenvolvidos? Quais são os resultados?

Vamos falar de um de cada vez:

Que tipo de líderes?

Escrevi o seguinte ao nosso pessoal sobre essa questão:

Embora tenhamos nos formado desde o início da CRM sobre a eficácia dos líderes, precisamos prestar igual atenção à qualidade do líder. Será que estamos reproduzindo liderança — talvez capacitando liderança — que tem um entendimento menos que bíblica da natureza do Evangelho? Assumimos demais?

Acredito que a CRM precisa avançar em direção a critérios mais claramente definidos e articulados para o tipo de líderes que Deus nos chamou a ser e a multiplicar. Esses critérios precisam abranger a totalidade do Evangelho em palavra, obra e poder.

Isso requer uma teologia de liderança robusta, abrangente e bem compreendida. Desenvolvemos algumas ferramentas, processos e insights poderosos, alguns dos quais usamos e buscamos vigorosamente. Mas ainda temos mais a aprender em nossa compreensão do quadro geral, tanto biblicamente quanto transculturalmente. Isso é, particularmente, verdadeiro para o que extraímos do trabalho sobre surgimento de liderança e sobre liderança centrada na Bíblia de J. Robert Clinton. Como o capítulo quatro descreveu, Clinton e sua compreensão da liderança causaram um impacto profundo em quem somos e no que fazemos. No entanto, nós não exploramos essa rica veia de insight tão profundamente quanto poderíamos. Há muito mais que poderíamos aprender e aplicar com Clinton.

Como desenvolvemos as pessoas?

A forma como desenvolvemos líderes é profundamente informada pelos nossos valores, que estão enraizados no nosso DNA organizacional. Conceitos como relacionamento, coaching, mentoria, transmitir vida, capacitar, aprender e modelar qualificam a maneira como realizamos esse trabalho de transformação de vida. Essas distinções nos diferenciam de uma vasta gama de outras formas de ênfase ministerial semelhante em todo o mundo religioso, particularmente aquelas de natureza acadêmica e institucional.

Para além dessas características, o processo continua a ser uma tarefa altamente contextualizada. Embora eu não seja relutante em exigir ou demandar conformidade com a comunalidade essencial do desenvolvimento da liderança para toda a Novo, sou muito relutante em exigir conformidade metodológica na busca por essa comunalidade.

Deixe-me dizer em outras palavras. Há muita coisa, bíblica e experiencialmente, que informa e molda a nossa compreensão de como desenvolver líderes. No entanto, há espaço ilimitado para que métodos, processos e meios ministeriais sejam contextualizados em vários contextos culturais. Para qualquer um, interpretar a nossa maravilhosa diversidade contextual e metodológica como justificção para se juntar a nós a fim de fazer o que for certo aos seus próprios olhos em relação a essa parte essencial da nossa vocação, é um grave erro de cálculo.

Para que estão sendo desenvolvidos? Quais são os resultados?

Algumas pessoas ficam nervosas quando falamos em quantificar ou medir resultados. “Pequeno é bom” e “fidelidade ao Reino” podem ser usados como desculpas espiritualizadas para a ineficácia e a falta de resultados. No entanto, não é profano nem menos santo contar e avaliar os resultados.

Há momentos em que o famoso comercial de hambúrguer da Wendy's pode ser uma boa analogia. Nele, as pessoas se aproximam do balcão e perguntam “*Onde está a carne?*”. É absolutamente apropriado que nos perguntemos a nós mesmos e às nossas equipes “*Onde estão os líderes?*”.

Sei que isso se complica quando muitos daqueles com quem ministramos ao lado podem não ser nossos para contar. Os nossos círculos de influência estendem-se, muitas vezes, várias gerações para além do nosso próprio conhecimento. Independentemente disso, quando tudo estiver dito e feito, “*onde estão os líderes?*” é uma questão que devemos levar a sério.

Em segundo lugar, o que já foi dito é que o desenvolvimento da liderança nunca é o fim. Deve ser uma contribuição e um componente de um movimento do Evangelho. Identificar os resultados dos movimentos das Boas Novas pode ser feito facilmente.

Então, por que somos tão compelidos a que o desenvolvimento de líderes seja sempre um componente essencial de quem somos e do que fazemos? Gosto da forma como Robert Coleman descreve a natureza estratégica desse compromisso. Ele escreve:

[Vemos] isso inequivocamente na vida e no ministério de Jesus. O mestre sabia que toda a saúde e vitalidade do movimento que estava lançando dependia da eficácia do seu ministério na vida de doze aprendizes cuidadosamente escolhidos. Era uma prioridade tão grande para Jesus que, quando seus dias na terra estavam chegando ao fim, ele se retirou das multidões e das necessidades presentes ao seu redor para se entregar de forma relacional e íntima aos seus seguidores mais próximos.

A preocupação de Jesus não era com programas para alcançar as multidões, mas com as pessoas a quem as multidões seguiriam...

[Pessoas que liderariam] se tornariam seu método de ganhar o mundo para Deus...

O mundo procura desesperadamente alguém para seguir. Essa é a questão decisiva da nossa época. A relevância de tudo o que fazemos aguarda o seu veredito e, por sua vez, o destino das multidões está em jogo.

Que o Senhor o faça e nos use graciosamente nesse processo.

Os líderes ganham através da logística. Visão, claro. Estratégia, sim. Mas quando você vai para a guerra, você precisa ter papel higiênico e balas no lugar certo, na hora certa. Não importa quão brilhante seja a sua visão e estratégia se não conseguir levar os soldados, as armas, os veículos, a gasolina, a comida ou as botas às pessoas certas, no lugar certo, na hora certa.

TOM PETERS

Amadores falam de estratégia. Profissionais falam em logística.

OMAR BRADLEY, GENERAL DO EXÉRCITO DOS EUA

Financiamento Criativo

Eu vejo isso o tempo todo: pessoas com grandes ideias e paixão; homens e mulheres com visão e habilidade incríveis. Mas como esperam traduzir as suas ideias em realidade? Eles podem fazer tudo isso acontecer?

Uma grande visão, sem os recursos e os meios para a concretizar, é apenas um sonho. O movimento cristão está repleto de pessoas de visão magnífica que nunca foram capazes de converter o seu idealismo em ação. E a questão crítica, na grande maioria das vezes, é a aquisição de recursos. Trata-se, como aludem as citações, de uma questão de logística.

Todos nós que fizemos o estudo de base na formação de arrecadação de fundos durante o *First Things (Primeiras Coisas)* — nossa orientação para novos colaboradores — entendemos que Deus tem usado uma variedade de meios ao longo da história para financiar o seu trabalho. Optamos por vários métodos que consideramos mais adequados para nós como sociedade apostólica e que consideramos mais adequados aos contextos culturais em que nos encontramos. Mas, à medida que as pressões e incertezas financeiras aumentaram (particularmente à medida que a igreja local na América do Norte se tornou uma fonte de financiamento cada vez menos confiável para o movimento missionário global), começamos a explorar e empregar outras formas criativas — consistentes com nossos valores e nossa compreensão bíblica de tal processo — para complementar as necessidades logísticas daqueles que servem com a CRM e, agora, com a Novo.

Em outras nações do mundo, estamos experimentando um fluxo constante de pessoas que se juntam a nós e aos nossos parceiros CoNext

em resposta ao chamado claro de Deus para o ministério vocacional. No entanto, muitos lutam para encontrar os meios para responder a esse chamado. Percebemos, nos países emergentes, que o paradigma de levantamento de recursos que usamos pode funcionar para aqueles que permanecem dentro de uma cultura específica quando adotam o estilo de vida e o padrão de vida dentro desse cenário. Fica complicado quando esses indivíduos deixam sua cultura e fazem o salto para outra nação ou atravessam grandes divisões culturais e socioeconômicas para fins de ministério. Esses custos podem ser assustadores.

Esses desafios podem não ser limitados a contextos internacionais. Há pessoas que caminham em direção ao ministério além da igreja local na América do Norte com o desejo de servir e, no entanto, têm redes limitadas de relacionamentos, das quais o apoio pode ser derivado. Isso é particularmente verdadeiro para alguns líderes mais jovens, cujos antecedentes e famílias de origem são predominantemente seculares. Também enfrentamos desafios únicos nas comunidades étnicas, onde os colaboradores em potencial podem vir de culturas não acostumadas a ofertar para missões e missionários.

Em seu excelente volume *Divided by Faith (Dividido pela fé)*, Michael Emerson e Christian Smith documentam claramente as realidades econômicas desiguais entre os cristãos afro-americanos e a igreja protestante branca nos Estados Unidos. Isso pode significar que os potenciais missionários de diferentes origens culturais partem de diferentes bases econômicas e realidades estruturais. Embora esses não anulem os nossos métodos de levantamento de fundos, exigem que nos adaptemos a esses ambientes.

Eu vi alguns reagirem exageradamente a esses desafios com comentários como: “um paradigma de levantamento de fundos para o ministério está ultrapassado... muito ‘moderno’ ...e precisamos mudá-lo”, ou “precisamos mudar para outras maneiras de ver a geração de dinheiro e cobrar pelos serviços”, etc. Não creio que seja esse o caso. Como Alan Hirsch e Michael Frost argumentam em *The Shaping of Things to Come (A Formação das Coisas por Vir)*, o levantamento de fundos

para missões como a CRM faz é “... uma das melhores maneiras de se sustentar em missão a longo prazo”.

Infelizmente, uma das questões difíceis de navegar nessas considerações é descobrir quando são necessários meios criativos e alternativos para complementar este modelo, e quando essas necessidades são artificiais e até contraproducentes devido à relutância de alguém em intensificar, investir o tempo e fazer o trabalho duro necessário para aumentar o apoio.

Outro desafio significativo quando criamos meios alternativos de financiamento é fazê-lo de uma forma que não crie um sentido incapacitante de dependência dentro dos beneficiários. O uso indevido de recursos, quase sempre com intenções nobres e de bom coração, é um dos piores legados do movimento missionário Ocidental e, infelizmente, repete-se de geração em geração.

Apesar desses dilemas, penso que temos de explorar formas criativas e sustentáveis de responder sabiamente aos desafios financeiros num mundo em mudança. Uma tentativa, embora com resultados mistos, tem sido o *business as mission* (negócios como missão) — comumente referido como BAM — onde iniciamos e gerimos empresas com fins lucrativos para fornecer financiamento adicional para o ministério e para o pessoal em todo o mundo.

Como estamos nessa jornada de financiamento do ministério através dos negócios há várias décadas, aprendemos:

- Há uma diferença entre negócios *para* missão e negócios *como* missão. O modelo que adotamos é, primariamente, o de negócios para missão.
- Assim como muitos empresários podem não ser bons missionários, a maioria dos missionários não são bons empresários. Embora essa distinção nem sempre seja estanque, pensamos que é, geralmente, imprudente misturar as duas. Quanto mais dis-

tância conseguirmos manter entre as pessoas orientadas e com dons para o ministério daquelas orientadas e com dons para os negócios, mais saudáveis serão os negócios.

- Estamos empenhados em que as empresas obtenham lucro. Queremos empresas sólidas e bem geridas. Há muitos outros benefícios auxiliares que valorizamos, como o emprego e o desenvolvimento econômico, o fornecimento de plataformas a países de acesso restrito, o exercício de uma influência evangélica na cultura e na comunidade empresarial e a presença de fermento ético em todo o contexto social mais vasto.
- Como regra geral, as empresas que geramos devem ser propriedade da Novo ou da entidade da CoNext nesse país.
- Os lucros são revertidos tanto na expansão dos negócios quanto na criação de um fluxo sustentável de financiamento para o ministério.
- O apoio dos nacionais, em particular, daqueles que abandonarão a sua nação e ministrarão transculturalmente, é uma prioridade.
- BAM (e business for mission) deve fornecer um contexto único para capacitar os líderes empresariais para fins do Reino. Tais empreendimentos dão aos homens e mulheres de negócios — tanto no campo como no envio de nações — locais interessantes para usar seus dons e perspicácia empresarial. O envolvimento com o BAM pode ser extremamente benéfico para os empresários que podem nunca deixar os seus empregos ou carreiras, mas anseiam por um veículo para usar os seus conhecimentos de forma missionária.
- Usar os lucros das empresas como um fluxo suplementar de renda nunca deve exonerar a igreja ou os crentes locais de aprender a ofertar e ser bíblicamente generosos com seus re-

cursos, mesmo que tenham pouco. Devemos sempre desafiar as pessoas a apoiar o financiamento de outras pessoas a partir da sua cultura enquanto seguem a orientação de Deus para o ministério apostólico.

- O financiamento através de esforços BAM raramente será total. Esse financiamento, na maioria das vezes, complementa a arrecadação de fundos e não constitui uma panaceia.
- Embora compreendamos e apreciemos o importante papel que as microempresas desempenham no desenvolvimento econômico, em particular em países de terceiro mundo, optamos principalmente por buscar empresas que estão além das micro. No entanto, podemos ver microempresas criadas a partir de fundos gerados através de lucros de BAM.
- Podemos usar fundos, captados como renda de ofertas, para ajudar a capitalizar esses empreendimentos comerciais. O apoio dado a esses esforços é realmente um dom altamente alavancado. É um excelente exemplo da diferença entre dar a uma pessoa uma vara de pescar e dar a ela um peixe.

Jeri e Gloria Little, na Romênia, foram pioneiros num dos nossos empreendimentos mais bem sucedidos até hoje. O complexo Little Texas, os brechós e outras empresas tiveram muito sucesso e corresponderam aos sonhos e aspirações que tivemos ao longo dos anos sobre o que poderia ser o business for mission. Nossa curva de aprendizado foi íngreme e tudo o que aconteceu foi uma história milagrosa da graciosa liderança e presença de Deus. Jeri realmente registrou isso em detalhes em um romance emocionante que conta a história de Little Texas: Merchant to Romania (Comerciante para a Romênia).

Da mesma forma, David e Katya Bute na Ucrânia também fizeram um trabalho notável com Kreativity e uma variedade de empreendimentos comerciais que financiaram o ministério local, os trabalhadores nacionais e os esforços de missões interculturais.

De um modo geral, as pessoas no ministério profissional ao longo do tempo não foram particularmente sábias quando se trata da geração e utilização de recursos. Como Jesus comenta em Lucas 16: 8:

Pois as pessoas deste mundo são mais astutas em lidar com a sua própria espécie do que as pessoas da luz.

Um sistema econômico é como muitas coisas na vida em que o valor moral não é necessariamente inato, mas é determinado pela forma como a estrutura é utilizada. Não há nada de errado com o uso de perspicácia e de recursos empresariais — gerados por meios morais e bíblicamente influenciados — para fins do Reino.

Nossa oração e desejo é que geremos dezenas de empreendimentos criativos e excelentes nos próximos anos, negócios que ajudarão a fornecer a logística necessária para alimentar o povo apostólico, as sociedades apostólicas e os movimentos do Evangelho que eles catalisam, crescem e multiplicam.

Uma reforma do século XXI exigirá a reinserção do sobrenatural no coração do Cristianismo. Isso resultará não só numa teologia bíblica mais sã, mas também numa igreja missional mais poderosa

HWA YUNG, BISPO DA IGREJA METODISTA DA MALÁSIA

Em verdade vos digo que quem crê em mim fará as obras que tenho feito, e fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu vou para o Pai.

JOÃO 14:12

Normalizando o Sobrenatural

Um evento de mudança de paradigma no início da CRM foi o Avivamento de Glen Eyrie em 1985 (descrito no Capítulo 3). Nas décadas que se seguiram, continuamos a trajetória que foi inaugurada durante esse encontro. “Normalizar o sobrenatural” foi uma das nossas prioridades estratégicas no ciclo de planejamento 2014-2018 e, novamente, para 2018-2022, decidimos avançar nessa direção. Nós fizemos dele o nosso foco #1, e lê-se:

Buscar a intimidade com Jesus como nosso trabalho mais importante e o fundamento de tudo o que fazemos.

Viveremos mais plenamente em nossa dependência da presença e do poder de Deus, ouvindo a voz do Espírito, crescendo em fluência sobrenatural e saturando a nós mesmos e a todas as nossas atividades na presença do Deus Trino.

Tem havido uma série de pessoas e influências que Deus nos trouxe providencialmente para nos ajudar graciosamente em nossa busca para normalizar nossa compreensão da realidade sobrenatural e nos levar a uma maior “fluência sobrenatural” desde 1985. Entre esses estão:

Charles Kraft

Chuck Kraft é antropólogo, linguista e professor emérito de Antropologia e Comunicação Transcultural no Seminário Teológico Fuller e um dos mais destacados antropólogos culturais da sua geração no mundo das missões. Seu livro *Christianity and Culture (Cristianismo e*

Cultura) continua a ser um dos textos de antropologia mais influentes dessa geração.

No início de seu cargo na Fuller, ele foi profundamente influenciado por John Wimber e Peter Wagner no famoso curso MC510, *Signs, Wonders and Church Growth (Sinais, Maravilhas e Crescimento da Igreja)*, que Wagner e Wimber ensinaram de 1982 a 1985. Desde esse início, Deus levou Chuck a uma compreensão mais profunda e prática de cura emocional (interior) e de libertação. Ele é autor de vinte livros, dez dos quais se concentraram em encorajar a Igreja no Ocidente a uma compreensão mais bíblica e holística da realidade sobrenatural, com ênfase específica na cura interior.

Em janeiro de 2011, convidamos a Kraft para um seminário de formação de quatro dias com noventa colaboradores da CRM de todo o mundo. Seu tópico nos primeiros dois dias foi básico de cura interior e libertação e, em seguida, ele passou dois dias focado no que chamou de “Guerra Espiritual Cósmica”. Como resultado, muitos dos participantes foram apresentados a um modelo novo e prático de oração de cura. Para alguns, isso se tornou uma nova ferramenta significativa em sua aljava ministerial.

Como resultado, vários dos livros da Kraft tornaram-se básicos entre os funcionários do CRM:

I Give You Authority (Eu vos dou autoridade)

Defeating Dark Angels (Derrotando Anjos das Trevas)

Two Hours to Freedom (Duas Horas para a Liberdade)

Esses volumes têm sido usados em todos os nossos ministérios, e nossa equipe tem crescido cada vez mais em como orar pelos outros usando o modelo Kraft de oração de cura. Também nos sensibilizou para a realidade do demoníaco e dos diferentes níveis e intensidades da guerra espiritual que enfrentamos em nossos contextos ministeriais.

Uma das ênfases que recolhemos de Chuck Kraft foi o conceito de bênção. Saber abençoar os outros, e, sobretudo, abençoar os que estão longe de Deus, revolucionou a forma como nos relacionamos com os outros, tanto aqueles que conhecem Jesus como aqueles para quem desejamos apresentar a ele.

John e Jill Kloos e Jim Hanley

John e Jill Kloos foram apresentados à CRM em 2008 e oraram poderosamente e abençoaram inúmeros colaboradores ao longo desses anos. Eles têm sido exemplos estelares de como exercer forte dom profético, de intercessão e de cura com maturidade e graça.

Jim Hanley foi apresentado pela primeira vez à CRM na reunião de Glen Eyrie em 1985 e embarcou em um ministério de oração de cura interior de três décadas, que está disponível para nossa equipe. Jim tem um foco particular em integrar partes do nosso ser que podem ter sido sujeitas a abusos ou traumas e colocar tudo sob o senhorio de Cristo.

Brad Jersak

Fundamental para tudo o que temos experimentado nessa jornada para o sobrenatural tem sido uma compreensão básica de como podemos ouvir de Deus. Embora a maioria do pessoal do CRM venha de fortes origens evangélicas protestantes, onde o principal — e, às vezes, o único — meio de comunicação de Deus é a Bíblia, gradualmente avançamos em direção a uma compreensão mais abrangente de como Deus fala. Embora *sempre* coerentes com as Escrituras, chegamos à conclusão, teológica e experiencialmente, de que Deus não se limita à Escritura ao revelar-se a si mesmo.

Uma das vozes mais influentes na expansão do nosso entendimento sobre isso foi Brad Jersak e o seu livro *Can You Hear Me: Tuning into the God Who Speaks (Você pode me ouvir? Sintonizando com o Deus que Fala)*. Brad também deu um importante treinamento sobre isso na Conferência Mundial do México em 2014 sobre esse tema.

Bill e Jill Randall

Também no México, Bill e Jill Randall lideraram um treinamento sobre cura física e, logo após a conferência, deixaram seus papéis pastorais e aderiram à CRM.

Profundamente enraizados na compreensão do Reino de Deus, os Randalls têm sido as principais influências para ajudar a equipe de CRM a mudar para uma compreensão mais holística — e bíblicamente fiel — da realidade sobrenatural. Uma de suas ênfases mais úteis tem sido a distinção entre o Espírito Santo “em” e o Espírito Santo “sobre”, ou em termos teológicos, a presença *real* do Espírito versus a presença *manifesta* do Espírito. Tudo isso foi capturado no maravilhoso livro de Bill publicado em 2018 *The Life Jesus Made Possible: Embracing the Kingdom Within Our Reach (A Vida que Jesus Tornou Possível: Abraçando o Reino ao Nosso Alcance)*.

Uma Variedade de Dons Espirituais Livres para Florescer

Tudo isso se tornou possível porque decidimos ser um contexto em que todos e quaisquer dons espirituais são livres para florescer. Levamos a sério a admoestação bíblica para “...*desejar ardentemente os dons espirituais*”. Fazemos isso dentro de um quadro do que é comumente entendido como “escatologia inaugurada”, onde o Reino de Deus entrou e está presente, mas não está culminado. O reinado e o governo de Jesus estão aqui, mas não em sua plenitude. Isso não é o mesmo que uma “escatologia realizada” que defende a plena invasão do Reino em todos os aspectos nesse grande período de intervalo entre a cruz e a segunda vinda de Jesus.

Na prática, isso significa que os dons espirituais podem ser exercidos com um incrível grau de poder e eficácia espiritual.

No entanto, os resultados não estão 100% garantidos, uma vez que o Reino não chegou totalmente. Portanto, travamos guerra, nesse grande período provisório, contra o mundo, a carne e o diabo, e nos

associamos com o Espírito Santo em sua obra redentora, entre uma criação perdida e caída. Embora o poder e a autoridade que nos são concedidos sejam significativos — mais do que a maioria de nós jamais percebe ou vive —, não é total e não será até entrarmos na glória ou no fim dos tempos.

Anjos, demônios e visão do sobrenatural

Um dos aspectos mais notáveis dessa jornada ao sobrenatural foram aqueles indivíduos que Deus confiou às nossas equipes em todo o mundo que podem “ver” o sobrenatural, o que significa que têm o dom de discernir espíritos. Conhecidas no Antigo Testamento como “videntes”, as pessoas com esses dons operam no sentido do Novo Testamento ao longo de um contínuo fascinante, pois podem “ver” a atividade demoníaca e angelical interagindo com o nosso universo de quatro dimensões.

Tenho de admitir que, para aqueles de nós, particularmente no Ocidente secularizado, que somos filhos e filhas do Iluminismo e, sem querer, abraçamos uma visão de mundo naturalista e científica, tudo isso fica meio assustador. Mas observei-o exercitado repetidas vezes com maturidade, amor e graça. Vi esse dom ser confirmado repetidas vezes e não tenho motivos para não acreditar nem confiar em sua precisão. Eu também vi o valor ministerial de dons assim em todo o mundo. É um trunfo maravilhoso ter alguém servindo em uma equipe que possa ver a dinâmica espiritual operando ao nosso redor. É como ter o nosso próprio oficial de inteligência espiritual incorporado numa equipe.

Coortes De Autoridade Espiritual

A partir de 2016, nossa Equipe de Desenvolvimento de Parceiros iniciou o que ficou conhecido como *Coortes de Autoridade Espiritual*.

Inicialmente concebidas para acompanhar e ministrar aos nossos parceiros financeiros do Conselho do Presidente, as coortes superaram a sua intenção original.

Hoje, elas estão sendo realizadas em um número crescente de cidades dos EUA e internacionalmente. O treinamento inclui instrução e um “laboratório prático”. Pela primeira vez em suas vidas, muitos participantes têm a oportunidade de experimentar um ministério que inclui: ouvir a Deus, orar por cura física, cura emocional, o exercício de dons que eles podem ter relutado em buscar, abençoar uns aos outros, seguir os modelos de intercessão e oração de cura, viver o nosso papel como sacerdotes da Nova Aliança e outros tópicos, tudo em um lugar seguro. O tema geral, como o título indica, é entrar na autoridade espiritual que Jesus nos deu e usar essa oração ativadora para movimentos do Evangelho.

Maravilhosamente Não Sensacionalista

Ao longo dessa viagem ao sobrenatural, uma característica destacou-se acima de todas as outras. À medida que entramos nesse fluxo, ele provou ser uma viagem graciosa, gentil e não sensacionalista. Experimentamos a presença tranquila e gentil do Espírito Santo, que tem sido desprovida de teatralidade. Isso significa que as coisas não ficam estranhas, às vezes, quando somos empurrados para fora de nossas zonas de conforto emocional e espiritual? De jeito nenhum. É como C. S. Lewis descreve Aslam: *“Quem falou em segurança? Claro que ele não é seguro. Mas ele é bom”*.

Isso significa que reconhecemos que essa jornada para uma compreensão mais profunda do sobrenatural é realmente de Deus. É o que ele faz, não nós. Não é forçado. Não é manipulado. Não tem um monte de impressões digitais humanas por todo o lado, tentando descobrir qual alavanca puxar para que o feiticeiro por detrás da cortina obedeça aos nossos desejos. Longe disso.

Movimentos e a Realidade Sobrenatural

Enquanto escrevia *Além da Igreja Local: Como os Movimentos Apostólicos Podem Mudar o Mundo*, vi coisas no registro histórico da Igreja nos últimos dois mil anos que eu nunca tinha visto antes. Primeiro, percebi que em todos os movimentos do Evangelho, desde o tempo de Jesus até agora, existe alguma forma de estrutura apostólica e as pessoas apostólicas vivem vigorosamente a sua vocação. Essas sodalidades funcionam como velas de ignição divinas. Encontre um movimento e nós encontraremos os agitadores do movimento.

Em segundo lugar, até onde posso determinar, os movimentos do Evangelho são *sempre* acompanhados de manifestações sobrenaturais. Há curas físicas, lida-se com demônios, libera-se os anjos, e experimenta-se o que o livro de Atos chama repetidamente de “sinais e maravilhas”.

Portanto, se esperamos fazer parceria com Deus para catalisar, crescer e multiplicar os movimentos do Evangelho, devemos estar preparados para envolver sem medo o desencadeamento do sobrenatural, porque tais movimentos não acontecem sem que o Espírito de Deus se manifeste de maneiras tão poderosas.

Na missão de serviço sacrificial da igreja, o evangelismo é primordial.

PACTO DE LAUSANNE, 1974 (PARÁGRAFO 6)

A Prioridade da Redenção Humana

Há dois aspectos da liderança que são essenciais para que a liderança seja, em última análise, eficaz. O primeiro é “lançar a visão”. Como observa J. Robert Clinton, “a diferença entre líderes e seguidores é a perspectiva; a diferença entre líderes e líderes eficazes é uma perspectiva melhor. Líderes eficazes veem o ministério atual em termos de uma perspectiva de vida”. Isso significa permitir que os seguidores compreendam o futuro preferível e inspirar a caminha deles nessa direção com sacrifício e abandono.

Mas há um segundo aspecto da liderança que olha na direção oposta. É a “capacidade de olhar para trás e ver de onde viemos”. É a capacidade de compreender, apreciar e construir sobre o que é antigo, provado e verdadeiro. É entender as “Primeiras Coisas” e como elas se aplicam ao mundo contemporâneo.

Portanto, bons líderes são capazes de fazer as duas coisas — lançar uma visão para o futuro e fundamentar essa visão nas convicções inabaláveis do passado. E, muitas vezes, isso deve ser feito enquanto surfamos ondas de mudança cultural, em que tendências e modismos rolam implacavelmente sobre a Igreja.

Uma dessas tendências tem sido a propensão, nos últimos anos, de reinterpretar, e creio que comprometer, o principal impulso temático das Escrituras. Às vezes, com boas intenções e razões admiráveis, pessoas bem-intencionadas inadvertidamente turvaram a clara ênfase na Bíblia nos propósitos redentores de Deus para a humanidade, o que chamamos de *Prioridade da Redenção Humana*. Simplificando, a Prioridade da Redenção Humana é a intenção de Deus de salvar e de redimir

homens e mulheres e trazê-los de volta a um relacionamento correto com ele, o relacionamento que foi perdido na queda.

Infelizmente, uma ênfase na Prioridade da Redenção Humana pode ser comprometida por uma variedade de razões. Por exemplo, há aqueles que acreditam que a humanidade não está genuinamente “perdida” à parte de Jesus. O que é posto em questão é a necessidade da redenção. Podemos chegar nessa suposição de várias formas. Podemos acreditar que o “inferno”, como tradicional e bíblicamente entendido, não existe. Portanto, não há realmente nada de que as pessoas possam ser “salvas”. Ou podemos aceitar a suposição de que um Deus bom nunca designaria as pessoas a tal separação e tormento eternos, e que tal punição é contrária à sua natureza. Ou poderíamos acreditar que a humanidade é, na sua essência, “boa” e não merecedora de julgamento. Há muitas maneiras de chegar a isso, mas o resultado é o mesmo. A necessidade de redenção humana é enfraquecida ou até mesmo anulada.

Há uma segunda maneira pela qual a Prioridade da Redenção Humana pode ser comprometida, e é quando a redenção humana deixa de ser a prioridade na missão de Deus. Essa mudança sutil pode realmente evoluir de uma ênfase nobre e boa nas escrituras. A mensagem central dos Evangelhos e do próprio Jesus é que o Reino de Deus entrou na história humana, ou seja, o reinado e o governo de Jesus sobre todos na ordem criada. Jesus pretende corrigir todas as coisas e a atividade redentora de Jesus toca *tudo*: o universo físico, as relações humanas, o governo, a educação, a economia, a pobreza, a justiça social, os negócios, a tecnologia e todos os “ismos” do nosso mundo quebrado — uma lista interminável de esforços humanos que “gemem com dores do parto... desejando ser libertados de sua escravidão da decadência e trazidos para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Romanos 8:21-22).

O problema ocorre quando todas essas atividades redentoras são consideradas iguais. Embora possa haver acordo sobre a natureza dos propósitos redentores de Deus, as coisas saem do eixo quando há uma falta de vontade ou incapacidade de priorizar esses propósitos.

Priorização significa que a humanidade deve ser vista como a beneficiária primal e essencial da vida, da morte e da ressurreição de Jesus. Em outras palavras, redimir as pessoas está no centro dos propósitos redentores de Deus. Salvar pessoas é qualitativamente diferente de salvar qualquer outro elemento da criação. Como Christopher Wright descreve, há um *ultimato* sobre a redenção humana que a diferencia de todos os outros atos redentores de Deus.

Junto com Darren Prince, coloquei tudo isso de forma mais abrangente em um livreto da série Fundamentos intitulado *Pessoas Primeiro: A Prioridade da Redenção Humana*. Não vou reiterar tudo aqui. Mas algumas das implicações básicas para o nosso futuro incluem:

1. Embora sejamos defensores da invasão do Reino em todas as esferas da existência humana, acreditamos que o Reino nunca está totalmente presente, a menos que as pessoas estejam se tornando seguidoras do Rei.
2. Portanto, vamos nos concentrar na Prioridade da Redenção Humana em tudo o que fizermos, tanto em seu caráter redentor quanto em sua prioridade sobre todos os outros aspectos da invasão do Reino.
3. A nossa eficácia no cumprimento desse objetivo é determinada por homens e mulheres que estavam longe de Deus e se tornaram seguidores comprometidos e obedientes a Jesus.
4. Ao longo do nosso ministério, procuraremos alinhar as nossas equipes e o ministério para compreender como, em última análise, contribuir para o cumprimento da Prioridade da Redenção Humana.

Além disso, o nosso compromisso com a Prioridade da Redenção Humana é fundamental na nossa compreensão do “**Por que fazemos o que fazemos**”. Antes da Conferência Mundial de 2018, escrevi o seguinte:

A expressão definitiva e da realização do Reino de Deus é quando o reinado redentor e o governo de Jesus acontecem na vida das pessoas... quando o Reino invade, e os mais elevados e mais excelentes da ordem criada — os seres humanos — tornam-se seguidores comprometidos do Rei do Reino. Embora existam certamente outras manifestações essenciais do Reino, essa continua sendo a peça definitiva, central e bíblica da missão de Deus.

Quando tudo estiver dito e feito, é sobre isso que somos. Os movimentos do Evangelho para os quais trabalhamos como um grupo global de missionários apostólicos são realmente um meio para um fim muito maior. Acreditamos que os resultados desses movimentos do Evangelho são “...quando muitas pessoas se tornam seguidoras comprometidas de Jesus e grupos desses discípulos se multiplicam rapidamente”.

Nas últimas quatro décadas, Deus, graciosamente, confiou à CRM — em diferentes momentos, lugares e ritmos — os componentes necessários desses movimentos do Evangelho. Mas, nos últimos dez anos, todos esses componentes começaram a se juntar num mosaico bastante extraordinário e unificado. Vimos surgir um paradigma de movimento notável e cada vez mais claro que se tornou a “estrela-guia” orientadora da nossa filosofia de ministério.

Nos últimos anos, senti uma mudança do muito importante “**O que fazemos**” e do “**Como fazemos**” para abraçar mais profundamente o “**Por que fazemos**”. Creio que Deus está, gentilmente, mas firmemente, nos aproximando para o grande escopo e magnitude desse chamado. Ele está graciosamente nos atraindo com sua visão cósmica que se estende além do tempo e do espaço. Esse cativante porquê é sucintamente capturado na seguinte frase de Apocalipse 7:9.

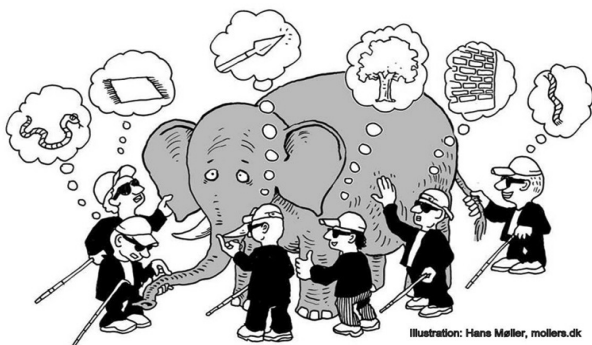
“...Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro” (NVI).

Quando Deus nos chama para si, e para uma união e comunhão íntima com cada aspecto da sua natureza trina, ele também nos chama para um dos anseios mais profundos do seu próprio caráter. Ele deseja que participemos com ele no seu magnífico propósito Redentor, de longo alcance, de reivindicar como sua “uma grande multidão que ninguém poderia contar, de todas as tribos, povos e línguas diante do trono e diante do Cordeiro”, para que Jesus seja adorado e glorificado para todo o sempre.

Influência Futura n° 9

Movimentos do Evangelho

“Os cegos e o elefante” é uma parábola antiga que pode ser encontrada numa variedade de culturas. A moral da história é que todos nós, naturalmente, percebemos nossas experiências parciais como a verdade total. Só vemos em parte, e usamos essa perspectiva limitada para explicar ou interpretar o todo.



Desde 1980, Deus confiou à CRM, e, agora, à Novo, uma série de ferramentas e processos ministeriais. Dependendo da época, nos concentramos em certas ênfases ministeriais. Por exemplo, na década de 1980, nosso foco era o evangelismo/discipulado e ajudar as igrejas existentes a serem mais missionais. Durante esses anos de formação com a adição da InnerCHANGE, crescemos em nosso compromisso e na compreensão do ministério entre os pobres e os marginalizados.

À medida que avançávamos para os anos 90, os nossos esforços para enviar pessoas transculturalmente se expandiram. Também desenvolvemos um forte ministério de plantação de igrejas e de formação

de plantadores de igrejas. Além disso, na virada da década, havia uma ênfase renovada e mais sofisticada no treinamento e no desenvolvimento de liderança.

Ao longo dessas décadas, acrescentamos outras ênfases ministeriais úteis e conhecimentos especializados à nossa caixa de ferramentas ministeriais: formação espiritual, oração estratégica, renovação de igrejas falidas, etc. No entanto, durante esses anos, éramos como os proverbiais cegos e o elefante. A CRM era frequentemente definida por qualquer parte do elefante que os indivíduos acabassem sentindo, tocando e experimentando, mas, não conseguíamos ver o elefante *inteiro*.

No final da primeira década do século 21, começamos a experimentar uma mudança fascinante. O que havia sido uma série de ênfases ministeriais díspares começou a formar um todo coeso. Começamos a ver tudo o que Deus nos havia confiado se unir num paradigma ministerial maravilhoso e mais unificado. Tornou-se cada vez mais claro que o que Deus nos tinha dado ao longo de um período de vinte e cinco anos eram todos componentes de um quadro maior que era, de fato, a soma das suas partes. Como os personagens da parábola, cada um de nós tinha uma parte do quadro geral. Começamos a ver que o “elefante” era, na verdade, os *movimentos do Evangelho*. Esse era o paradigma unificador. Tudo o que Deus nos tinha confiado era um componente importante desse todo unificador.

Estamos em dívida com David Broodryk, na África do Sul, que primeiro articulou os “cinco componentes de um movimento”, que abraçamos e expandimos para explicar esse paradigma. Uma explicação mais ampla pode ser encontrada no livreto da série *Fundamentos da Novo* intitulada *Até os Confins da Terra: O que são os Movimentos das Boas Novas?*. Mas, para resumir, os movimentos do Evangelho em nosso entendimento são:

Quando as Boas Novas de Jesus propagam-se contagiosamente através de uma rede de relações sociais por meio do qual muitas pessoas se tornam seguidoras comprometidas de Jesus e grupos desses discípulos se multiplicam rapidamente. Movimentos

assim têm o potencial de impactar, radicalmente, vilas, cidades e nações inteiras.

A nossa convicção é de que sempre e, onde quer que estes movimentos do Evangelho ocorram — ao longo da história ou contemporaneamente —, eles têm sempre estes cinco componentes essenciais:

ORAÇÃO ATIVADORA

Embora a oração permeie todos os aspectos de um movimento, é fundamental para estabelecer as bases e criar as condições para que um movimento se lance e prospere. A “Oração Ativadora” é um tipo específico de oração e é de movimento por natureza. Ela opera confortavelmente no sobrenatural, esperando sinais e maravilhas, lidando com o demoníaco e sabendo como se apropriar da presença manifesta do Espírito Santo. Inclui mapeamento espiritual, caminhada de oração, oração estratégica e, muitas vezes, é declaratória. Ela aproveita a autoridade espiritual que Deus nos delegou e exerce o poder da bênção.

ENVOLVENDO-SE COM A CULTURA

Envolver a cultura significa empreender sabiamente uma série de atividades e ações de cultivo — todas de valor intrínseco do Reino em si mesmas — que servem como poderosas “pontes de Deus” no contexto cultural para que as Boas Novas de Jesus se enraízem e se espalhem. Esse compromisso significa atender às necessidades sentidas das pessoas em nome e no poder de Jesus. Significa discernir que, onde o Espírito de Deus é ativo de forma única, as pessoas são receptivas e respondem adequadamente. Para que os movimentos ocorram, o envolvimento cultural deve ser totalmente integrado com o Evangelho em poder através da oração ativadora, e deve levar e conectar-se com o Evangelho em palavra, à medida que os indivíduos se tornam discípulos de Cristo, totalmente comprometidos e obedientes.

FAZENDO DISCÍPULOS

Todo movimento tem, em sua essência, ferramentas e processos eficazes para ajudar pessoas distantes de Deus a se tornarem seguidoras comprometidas de Jesus e, em seguida, fazer discípulos de outros. Essa multiplicação está no cerne da nossa compreensão do discipulado e do crescimento espiritual. Embora a história da igreja contenha muitos modelos de evangelismo e discipulado, somos a favor de um “processo de descoberta” altamente eficaz, que não depende de especialistas, é orgânico e é facilmente reproduzido, independentemente do ambiente ou da cultura.

LÍDERES EM CRESCIMENTO

A menos que os líderes sejam desenvolvidos intencionalmente, a partir do próprio movimento do Evangelho, ele inevitavelmente entrará em colapso sob o peso de seu próprio sucesso. Esses líderes do movimento exibirão uma ampla gama de dons, todos necessários para orientar e construir um impulso ministerial que irá muito além de si mesmos. É imperativo que esses líderes saibam como identificar novos líderes, e como treiná-los, orientá-los e lançá-los adequadamente no ministério.

FORMAÇÃO DE IGREJAS

A história mostra que, para cada movimento do Evangelho bem sucedido, existem duas estruturas essenciais da Igreja que trabalham sinergicamente e em parceria: a missionária e a local. As estruturas missionárias apostólicas, como a Novo, estão sempre na mistura. E expressões saudáveis da igreja local — não instituições — também emergem e se multiplicam para administrar o fruto do movimento. É sempre um “ambos... e...”, e não um ou outro. Nos processos de “Movimento de Fazer Discípulos” usados pela Novo, as funções de uma igreja saudável são codificadas nos valores e na estrutura desde o início. A

Novo também implementa uma série de ferramentas para ajudar as expressões de igreja novas, ou já estabelecidas, a prosperar missionalmente.

Tudo resulta em transformação cultural³.

Como afirmado em nossa definição de “movimento do Evangelho”, a transformação cultural é o resultado inevitável de um movimento do Evangelho (como o poder fermentador e a presença do Reino de Deus) que permeia a sociedade. Sem transformação cultural, um movimento do Evangelho é truncado. O “Evangelho do Reino”, que estava no cerne da mensagem de Jesus, era tocar, de forma redentora, todos os cantos de uma cultura e da ordem criada. É um funcionamento prático do “Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu”.

Essa transformação ocorre quando a obra redentora do Espírito é mais do que pessoal e privada. Ele derruba a injustiça e traz cura onde houve pecado sistêmico. Embora sempre haja mudança quando o Reino de Deus, através do povo redimido por Deus, toca uma cultura, é, somente, quando todos os cinco componentes do movimento estão presentes que a mudança cultural é abordada, efetivamente e de forma sustentável.

As implicações para a *Novo* são várias:

1. Todos aqueles que servem com a *Novo* vocacionalmente, como parte de seu chamado, podem contribuir para todos os cinco componentes de um movimento do Evangelho. Diferentes pessoas com diferentes dons e pontos fortes podem contribuir de forma única para diferentes componentes.

³ Por favor, veja *Até os Confins da Terra: O que são os Movimentos das Boas Novas?*, o livrinho da série *Fundamentos*, da *Novo*, que dá uma explicação e descrição exaustiva desses cinco componentes, bem como inclui uma discussão mais pormenorizada sobre a transformação cultural.

2. Da mesma forma, muitas das nossas equipes contribuem de forma particular e específica para determinados componentes.
3. Independentemente disso, nós, como indivíduos e equipes, devemos compreender e abraçar a nossa contribuição para o todo maior. Deve haver alinhamento com a nossa vocação organizacional global como enviados que multiplicam os movimentos do Evangelho e mobilizam a igreja para essa missão. O que fazemos exclusivamente como indivíduos ou equipes nunca é um fim em si mesmo, mas parte de um quadro muito maior.
4. As estatísticas não mentem, e percebemos que a porcentagem líquida de pessoas longe de Deus e fora do alcance das Boas Novas de Jesus tem aumentado constantemente, à medida que a população global continua crescendo. Acreditamos que a melhor forma dessa tendência ser revertida é através da multiplicação dos movimentos do Evangelho; daí o nosso compromisso com essa filosofia de ministério.

Para ser claro, movimentos do Evangelho são o que fazemos. *A Novo é um grupo de missionários criativos **enviados para multiplicar os movimentos do Evangelho** e mobilizar a igreja para essa missão.*

Seu verdadeiro e novo eu não virá enquanto você o estiver procurando. Surgirá apenas quando você estiver procurando por Ele.

C. S. LEWIS

O que sabemos importa, mas quem somos importa mais.

BRENÉ BROWN

Rebranding: O Que Há em um Nome?

Primeiras Tentativas

Quando a CRM foi fundada em 1980, muita reflexão e oração foram dadas ao seu propósito e contribuição, mas, infelizmente, não gastamos muito tempo com o nome. De fato, num dos nossos documentos formativos, escrevemos: *“Decidimos ficar com Church Resource Ministries. Sentimos que poderíamos sempre mudá-lo em algum lugar no futuro, se necessário”*. Nenhum de nós percebeu o quão longe “em algum lugar no futuro” poderia estar.

Desde então, ninguém esteve satisfeito com o nome e com as nossas pobres tentativas de explicá-lo. “CRM” não descreveu adequadamente quem somos e o que Deus nos chamou para contribuir. Tem sido consistentemente um obstáculo a ultrapassar no recrutamento de novos colaboradores e um obstáculo ao estabelecer ligações com os nossos parceiros financeiros. Aqueles de nós que representaram a CRM na Conferência de Missões em Urbana sempre se encolheram quando perguntavam: “então, o que significa CRM?” Nunca tivemos uma resposta convincente ou atraente. O problema tem sido dolorosamente óbvio: o nosso nome tem sido uma responsabilidade, um obstáculo em vez de uma porta.

Ao longo dos anos, tentamos modificar e melhorar a nossa marca, mas nunca chegamos a uma revisão que pudesse captar o nosso espírito ou dar-nos impulso no futuro. No início de 2017, finalmente decidimos que já era o suficiente. Era hora de fazer uma mudança.

O Que Há em um Nome?

A verdade simples é que os nomes têm um grande significado. Nosso nome reflete nossa identidade — como nos vemos. É também o ponto de partida da comunicação com os outros — como nos apresentamos ao mundo. E um nome organizacional que carece de significado claro, ou pior, torna-se um nome impróprio ao longo do tempo, é um prejuízo para ambos. Isso causa um curto-circuito na nossa ligação uns com os outros e prejudica a nossa capacidade de partilhar o que Deus está a fazer entre nós com aqueles que nos rodeiam. Em contrapartida, um novo nome apresenta-nos uma oportunidade única. Temos a oportunidade de transformar esses obstáculos existentes em plataformas para uma maior ligação e comunicação.

Nessa perspectiva, o processo de escolha de um nome é uma provação difícil. Os riscos são elevados e o escopo do impacto é difícil de compreender plenamente. Não surpreendentemente, a equipe reunida em 2017 para assumir essa tarefa para a CRM começou dando um tempo significativo para ouvir em oração, pedindo a Jesus que direcionasse nossos esforços. A primeira coisa que percebemos foi essa: escolher o nosso novo nome não seria apenas um processo criativo, mas também um processo espiritual.

Deus nos lembrou daqueles momentos cruciais na Bíblia, quando ele usou o ato de renomear para inaugurar um homem ou uma mulher em uma nova época de vida e ministério — reformulando sua identidade e esclarecendo seu chamado para suas vidas. Ele lhes deu um novo nome, e, com o nome, uma revelação que os impulsionou para o próximo capítulo de sua história. “Abrão” e “Sarai” tornaram-se “Abraão” e “Sara”, chamados a gerar incontáveis gerações; “Jacó” tornou-se “Israel”, chamado a gerar uma nova nação; “Simão” tornou-se “Pedro”, chamado a liderar a igreja primitiva; “Saulo” tornou-se “Paulo”, enviado como o primeiro missionário aos gentios. Ao refletirmos sobre essas histórias e ouvirmos atentamente o Espírito, duas perguntas ecoaram: quem a CRM está se tornando? Quem Deus está *nos* chamando a ser?

Quem Nos Tornamos

Durante o processo de rebranding, nossa equipe chegou a outra conclusão: a CRM havia começado, recentemente, um novo capítulo em nossa história. De fato, estivemos numa época de extraordinário alinhamento de missão e convergência estratégica de dons, diferente de todas as que já vimos. Em nenhum momento da nossa história o nosso sentido de missão compartilhada foi mais claro. Nunca em nosso passado todos os vários componentes de nosso chamado compartilhado se uniram e foram alinhados em um todo tão unificado — a variedade cumulativa de ferramentas e dons necessários para realizar o que Deus nos chamou para ser e fazer. Ficamos convencidos de que não era coincidência. Deus providencialmente designou *essa temporada* para que a CRM receba um novo nome, que reflita uma nova era de sinergia organizacional com tudo o que nos confiou.

A equipe designada para essa tarefa gastou energia e tempo significativos refletindo sobre o nosso passado. Recolhemos informações e informações dos vários cantos da nossa organização sobre a nossa história, a nossa missão, as nossas distintivas e o nosso ‘porquê’ — o propósito para o qual existimos. A cada passo do caminho, surgiram dois temas poderosos e distintos — duas ideias que encarnam quem somos e o que somos chamados a contribuir: criatividade e renovação. O conceito de criatividade capturou nossa paixão por assumir riscos ousados, lançar novos empreendimentos e descobrir maneiras inovadoras de realizar o que imaginamos. O tema da renovação transmitiu o nosso compromisso de ver as pessoas e as comunidades redimidas pelas Boas Novas de Jesus. À medida que exploramos esses temas, descobrimos um nome que capta o melhor de ambas as ideias, um nome que transmite quem somos e tudo o que Jesus nos convida a tornar-se: *Novo*.

Fazer Novo

Novo é uma palavra do latim que significa “fazer novo” ou “renovar”. Esse nome é uma declaração poderosa sobre o objetivo da nossa parce-

ria com a obra de Deus na terra — para que os homens e as mulheres sejam renovados à imagem do seu filho Jesus.

Como Paulo escreve em sua segunda carta aos Coríntios: “... se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”. O nome *Novo* também é uma declaração sobre como fazemos essa missão redentora. A *Novo* é um grupo de missionários que são pioneiros em novas terras, bem como em novas formas de alcançar aqueles que estão na terra. Corremos riscos, somos inovadores, os que acendem o fogo, os catalisadores. Acreditamos que a criatividade é fundamental para estimular e sustentar os movimentos do Evangelho que desejamos ver.

Abraçar plenamente a identidade que vive dentro da *Novo* é um processo em andamento, e o próprio nome irá, sem dúvida, acumular um significado mais profundo quanto mais tempo vivermos com ele. Mas o significado por trás de *Novo* ressoa com quem somos agora e com a nossa contribuição única para a obra do Reino de Deus. E a orientação e confirmação do Espírito Santo ao longo desse processo de mudança de nome encheu-nos de confiança e de expectativa para todos os futuros.



NOVO

Fazer Novo

As pessoas não compram o que você faz, elas compram porque você faz isso. E o que você faz simplesmente prova o que você acredita.

SIMON SINEK EM COMECE COM O PORQUÊ: COMO OS GRANDES LÍDERES INSPIRAM TODOS A AGIR

O Por quê, o Quê e o Como

Fundamental para qualquer compreensão do chamado de Deus para a Novo é responder a três perguntas essenciais:

- **Por que** fazemos o que fazemos? Qual é o grande resultado? Qual é o resultado no final? Qual é a grande motivação?
- **O que** fazemos para buscar eficientemente o “porquê?” O que é que Deus nos pediu exclusivamente para contribuir para a sua narrativa cósmica de redenção?
- **Como** fazemos? Quais são os valores, o ethos, que nos moldam e nos dão um sabor distinto, uma cultura única nessa busca?

Por quê?

A resposta a essa pergunta pode ser encontrada na passagem de Apocalipse 7: 9, que é de onde vem o título desse livreto: *...grande demais para contar!*

A expressão definitiva e a realização do Reino de Deus é quando o reinado redentor e o governo de Jesus acontecem na vida das pessoas... quando o Reino invade e os mais elevados e mais excelentes da ordem criada — os seres humanos — tornam-se seguidores comprometidos do Rei do Reino. Embora existam, certamente, outras manifestações essenciais do Reino, essa continua sendo a peça definitiva, central e bíblica da missão de Deus.

Quando tudo está dito e feito, é por isso que fazemos o que fazemos. Os movimentos do Evangelho para os quais trabalhamos (nosso “quê”) como um grupo global de missionários apostólicos são, realmente, um meio para um fim muito maior, e esse fim é expresso de forma eloquente na visão de João. Acreditamos que os resultados desses movimentos do Evangelho são “...quando muitas pessoas se tornam seguidoras comprometidas de Jesus e grupos desses discípulos se multiplicam rapidamente”.

Deus continua nos aproximando suavemente, mas com firmeza, para o grande alcance e a magnitude desse chamado. Ele está graciosamente nos atraindo com sua realidade cósmica que se estende além do tempo e do espaço em direção a um “porquê” cativante e convincente”.

“...Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro” (NVI).

Quando Deus nos chama para si e para uma união e comunhão íntima com cada aspecto da sua natureza trina, ele também nos chama para um dos anseios mais profundos do seu próprio caráter. Ele deseja que participemos com eleem seu magnífico e abrangente propósito redentor, para reivindicar como sua “...uma grande multidão que ninguém podia contar de todas as tribos, povos e línguas diante do trono e diante do Cordeiro”, para que Jesus seja adorado e glorificado para todo o sempre. *Esse é o nosso “por quê”.*

O quê?

Conforme descrito no Capítulo 9 e mencionado na seção anterior, o “quê” com o qual estamos comprometidos são movimentos do Evangelho. Isso é o “quê” nós fazemos para satisfazer a motivação subjacente do “por quê”. É isso que buscamos. Essa é a nossa contribuição única e definitiva para os propósitos do Reino de Deus em nossa geração e além.

Como?

Embora comprometidos com a visão de Apocalipse 7:9 e abraçando os movimentos do Evangelho como o melhor meio disponível para ver essa visão do Reino se tornar real na era atual, bem como na era vindoura, realizamos esse chamado com valores que são únicos para nós. Esses são distintivos particulares para nós. Determinam o nosso *ethos* particular. Nosso “sabor”. Alguns desses elementos distintivos são enunciados — mas não limitados — a uma lista que eu costumo cobrir na orientação de novos colaboradores no treinamento *First Things [Primeiras Coisas]*. Inclui essas vinte características:

- Liberdade;
- Criatividade;
- Um Espírito Empreendedor;
- Visão;
- Um Viés Pró-Movimento / Anti-Institucional;
- Descentralização;
- Risco;
- Altamente Relacional;
- Mentoria e Coaching;
- Transparência e Autenticidade;
- Autoridade Espiritual;
- Responsabilização;
- Integridade;
- Diferenciação entre Responsabilidade Moral e Jurídica;
- Excelência e Resultados;
- Tomada de Decisão Flexível e Ágil;
- Alta Confiança, Baixo Controle;

- Empoderamento;
- Um Viés De Desenvolvimento;
- Aprendizagem ao Longo da Vida.

No final...

O **por quê**, o **quê** e o **como** todos trabalham em conjunto para nos tornarmos quem somos. É um mosaico de ministério extraordinário e único para o qual Deus nos chamou. “*O Senhor fez isto, e é maravilhoso aos nossos olhos!*” (Salmo 118:23).

Conclusão

Essa não é uma história estática.

Muitos capítulos continuarão a ser escritos à medida que Deus nos conduz ao seu futuro, e à medida que continuamos a ganhar clareza sobre o nosso papel na sua grande narrativa redentora, contribuindo para essa multidão impressionante que é *“grande demais para contar”*. O que é perigoso é quando não mudamos e, pior ainda, quando perdemos a capacidade de discernir a voz de Deus e sua liderança nessa busca.

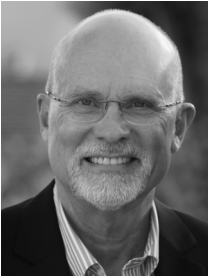
Quando viajo pelo mundo e interajo com o pessoal da Novo, provavelmente a pergunta número um que ouço é mais ou menos assim: *“Para onde estamos indo? Como é o futuro para nós, juntos, como povo apostólico comprometido com os movimentos do Evangelho, a fim de cumprir o grande desejo de Deus pelas Nações?”*

Estou ciente de que uma das funções da liderança é ter perspectiva, e parte dessa perspectiva é o que o futuro pode reservar para aqueles que seguem. Há, certamente, alguma segurança nisso. Mas também estou ciente de que vemos através de um espelho embaçado. Os melhores líderes são aqueles que lideram com autoridade espiritual genuína, que se baseia principalmente em sua capacidade de ouvir de Deus e liderar de acordo. Esses líderes também têm o papel de interpretar a realidade para aqueles comprometidos com seus cuidados. Essas são responsabilidades sérias.

Esse livreto é uma tentativa de cumprir essas duas funções da melhor maneira possível, considerando minhas formidáveis limitações humanas e sem presumir que as prerrogativas de Deus de Deus orientem a mim e à Novo (Provérbios 16:9).

Essas páginas tentaram captar os temas gerais de como Deus nos conduziu e como, com base nesse passado, podemos vislumbrar juntos o incrível futuro que temos pela frente. Tem sido uma aventura extraordinária viajarmos com ele nesse empreendimento do Reino. A viagem apostólica tem sido emocionante, imprevisível e magnífica. Creio que o seu nome se tornou, definitivamente, mais conhecido entre as nações. Mas também creio que é apenas uma fração daquilo que ele deseja e que o melhor ainda está por vir.

Que assim seja, Senhor Jesus!



Sam Metcalf serviu como presidente da Novo-EUA (antiga CRM) de 1985 a 2022, buscando recrutar e capacitar líderes para o ministério apostólico e criar estruturas apostólicas pioneiras, como a Novo, que multiplicam os movimentos do Evangelho em todas as nações. Hoje, ele coordena a CoNext — a parceria global de entidades semelhantes à Novo em um número cada vez maior de nações que compartilham missão, visão e crenças mútuas — todas lideradas por líderes nacionais. Ele tem um diploma de graduação pela Universidade da Virgínia, um mestrado pela Escola de Estudos Interculturais do Seminário Fuller e um doutorado pela Escola de Teologia Fuller. Sua esposa, Patty, está igualmente envolvida no ministério com um foco mais específico na oração de cura. Sam e Patty vivem no Sul da Califórnia e têm dois filhos adultos e seis netos.



A Novo é um grupo de missionários criativos enviados para multiplicar movimentos do Evangelho e para mobilizar a igreja para essa missão ao redor do mundo.

Mais de 600 membros de tempo integral da Novo ministram em uma variedade de culturas e contextos em mais de 100 nações. A Novo também oferece treinamentos para centenas de pastores, líderes de igrejas, e plantadores de igrejas em parceria com mais de 50 denominações em toda a América do Norte.

Chamados a serem determinados, inovadores e receptivos à liderança do Espírito, os colaboradores da Novo são, em primeiro lugar, discípulos, profundamente empenhados em conhecer e seguir Jesus. Onde quer que sirvam, eles são os que acendem o fogo, multiplicando o seu impacto, equipando, empoderando e colaborando com outros. Os missionários da Novo gostam de correr riscos, de enfrentar novos desafios, e estão dispostos a arriscar as suas vidas pela causa de Cristo. Eles compartilham o melhor que têm para multiplicar movimentos do Evangelho. E eles acreditam que nada é tão importante quanto alcançar as nações com as Boas Novas de Jesus.

Para mais informações, visite novo.org (antiga CRM Empowering Leaders).



NOVO

2015